

UM ESTUDO SOBRE AS

*Feiras Permanentes
de Brasília*

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura

Gilberto Gil Moreira

Presidente do Iphan

Luiz Fernando de Almeida

Chefe de Gabinete

Luiz Fernando Villares e Silva

Procuradora-Chefe

Lúcia Sampaio Alho

Diretora de Patrimônio Imaterial

Marcia Sant'Anna

Diretor de Patrimônio Material e Fiscalização

Dalmo Vieira Filho

Diretor de Museus e Centros Culturais

José do Nascimento Júnior

Diretora de Planejamento e Administração

Maria Emilia Nascimento Santos

Coordenadora-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência

Lia Motta

Coordenador-Geral de Promoção do Patrimônio Cultural

Luiz Philippe Peres Torelly

Superintendência do Iphan no Distrito Federal

Superintendente

Alfredo Gastal

Chefe da Divisão Técnica

Mauricio Pinheiro da Costa Souza

Chefe da Divisão Administrativa

Guilherme Cabral Júnior

Texto e pesquisa

Mariza Veloso e Angélica Madeira

Revisão de texto

George Bessoni, Alfredo Gastal, Mauricio Pinheiro e Andrés Marin

Editoração e diagramação

Informação Publicidade

Supervisão

George Bessoni

Fotos

- *Acervo fotográfico do INRC – Feiras Permanentes do Distrito Federal (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Social – IBDS – Amanda Odélius; Bruno Soares; Lucas de Paula; Marcus Vinicius Gomes; Roberta Martins)*
- *Acervo do Arquivo Público do Distrito Federal*

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SBN Quadra 2 – Bloco F – Edifício Central Brasília

Cep 70040-904 – Brasília/DF

Tel.: (61) 3414 6176 – Fax: (61) 3414 6198

www.iphan.gov.br

webmaster@iphan.gov.br

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA ALOÍSIO MAGALHÃES

M181C Madeira, Angélica

A cidade e suas feiras : um estudo sobre as feiras permanentes de Brasília / Angélica Madeira , Mariza Veloso. ___ Brasília, DF : IPHAN / 15ª Superintendência Regional, 2007.

80 p. : il. ; 21 cm.

ISBN : 978-85-7334-63-1

1. Feiras - Brasília. I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. II. Título.

CDD – 394.6

UM ESTUDO SOBRE AS

Feiras Permanentes de Brasília



agradecimentos

À equipe de pesquisadores que participou do INRC das Feiras Permanentes do Distrito Federal.

Aos feirantes e às associações que colaboraram com a pesquisa.

À empresa Informação Publicidade, na pessoa de Carlos Enrique Lambert Morales.

Às professoras Mariza Veloso e Angélica Madeira, por transformarem o INRC neste livro.

A Alfredo Gastal, idealizador deste trabalho.

À Divisão Administrativa da 15ª SR/IPHAN, na pessoa de Guilherme Cabral Júnior, por ter sido fundamental para a execução deste trabalho.

A Andrés Rodríguez Marín.



Introdução

Um estudo sobre as feiras permanentes de Brasília, 9

1

As cidades e as feiras: uma abordagem sócio-histórica, 15

2

A feira na cidade modernista, 31

Núcleo Bandeirante: nasce uma cidade e uma feira, 33

Feira da Torre, um lugar com nome próprio, 36

Samba e pagode na Feira do Cruzeiro, 41

Sobradinho – a feira da cidade serrana, 44

Taguatinga – ave branca, 47

Ceilândia – cidade do cantador, 49

Planaltina, cidade histórica, 53

Gama: cidade pioneira, 58

Guará: cidade dos lobos, 60

Feira dos Importados – feira moderna?, 62

3

A voz do feirante, 65

Conclusão, 71

Bibliografia, 75



Introdução

Um estudo sobre as feiras permanentes de Brasília¹

Mariza Veloso e Angélica Madeira

Brasília é uma cidade paradoxal. Concebida e construída dentro de estritos parâmetros modernistas, desde seu urbanismo até os detalhes arquitetônicos, a cidade simbolizava, no momento de sua construção, no final dos anos 1950, a própria atualidade arrojada que lançara o Brasil em um novo patamar de desenvolvimento. Brasília pode ser vista como um experimento, uma utopia de transformação social e de superação das deficiências de um país rural, desigual, carente de uma política de expansão econômica e industrial, capaz de garantir condições adequadas de vida para todos os cidadãos.

Acreditava-se, então, que o urbanismo e a arquitetura teriam o poder de

modelar hábitos e práticas, criar novos estilos de vida e de convivência, sendo assim tomados como vetores de modernização e de desenvolvimento. Em Brasília, mostra-se de forma evidente a intenção de planejamento generalizado da vida social. As funções principais da cidade – morar, trabalhar, divertir-se e circular – se dão de forma regular, previsível, setorizada, organizadas por siglas. Apesar da racionalidade que presidiu a ocupação dos espaços – a construção da “cidade de pedra” –, muitos destes dispositivos do planejamento urbano foram alterados pelas populações que vieram de diversas partes do Brasil para viver, trabalhar e construir a “cidade de carne”.² Essas diferentes populações imprimiram padrões culturais trazidos de sua região de origem, dotando a cidade de núcleos e redes de relações que passaram a ser referência para as muitas levas de migrantes que, desde então, não pararam de chegar à cidade.

As alterações sobre o plano piloto surgiram espontaneamente e foram aos poucos se sedimentando. Pequenas ruas ou becos apareceram nas entrequadradas comerciais sem que estivessem previstas

¹ Neste texto, Brasília é entendida como o conjunto do Plano Piloto e das cidades-satélites, incluídos no quadrilátero de 5.783 quilômetros quadrados, definido por linhas secas entre os paralelos 15 graus e 30 minutos, ao Norte, e 16 graus e 3 minutos, ao Sul, e entre os rios Descoberto, a Oeste, e Preto, a Leste.

² Cidade de pedra e cidade de carne são designações distintivas elaboradas por Richard Sennet (1997) para deslindar as relações entre os corpos e as relações polissensoriais – cidade de carne – despertadas pelos espaços construídos – cidade de pedra (Sennet, 1997).

no plano urbano inicial. Assim também alguns caminhos e passagens se impuseram pelo uso, e a cidade foi capaz de absorvê-los. Tradições se firmaram. Lugares saíram do anonimato das siglas e ganharam nomes próprios, como a rua da Igrejinha, a rua das Farmácias, a Colina. Muitos rituais coletivos – festas religiosas, festas juninas, as próprias feiras – foram reinventados, mesclados e têm se firmado como uma força no conjunto de bens simbólicos em circulação na sociedade contemporânea, na cidade modernista.

Prática social ancestral, não prevista no Plano de Brasília, as feiras surgiram sempre por meio de uma ocupação espontânea, muitas vezes em conflito com o poder público. Seu espaço múltiplo permite a inserção de grupos socialmente alijados e a garantia da permanência de ofícios artesanais e saberes tradicionais, tornados presentes e acessíveis na paisagem urbana da cidade. Permanentes ou temporárias (semanais, cíclicas, informais), as feiras se espalharam pelo tecido do território e se impuseram como um traço na capital do país. Muito da melhor tradição da cultura popular e mesmo da cultura dita alternativa encontrou acolhida nas feiras de Brasília. O acesso à matéria-prima rara e de qualidade, a variedade da culinária regional, muito presente nas feiras, certamente estão na origem da valorização atual da gastronomia

em Brasília. Os chefs vão muitas vezes às feiras escolher o melhor e mais fresco pescado ou um tempero exótico para seus inventos gastronômicos. Por proporcionarem a compra de algumas espécies de aves e animais de caça, vivos ou mortos, e de verduras pouco comuns, as feiras talvez estejam na base – ou esta seja apenas uma das explicações possíveis – dessa cultura culinária sofisticada que já se firmou em Brasília.

Nas feiras também se pode encontrar numerosos objetos de uso cotidiano, como panelas, tachos, candeeiros, baldes, vassouras, feitos de fibras naturais ou de materiais reciclados ou materiais novos, utilizando tecnologias artesanais, o que mostra a força da cultura popular, sua capacidade de se reinventar, de acompanhar as transformações e absorver as novidades, sua afinidade com seu próprio tempo.

A feira desponta assim como um laboratório vivo, evidenciando como a cultura tradicional se mantém, se modifica e se transmite de forma dinâmica, em um contexto urbano. A feira instaura um lugar em que formas horizontais de sociabilidade e de solidariedades são possíveis. Espaço público, isto é, uma construção social, lugar em que os indivíduos transformam-se em sujeitos capazes de exercer sua palavra, lugar que incita a interação, por meio de associações, redes de parentesco, vizinhança ou

de profissionais. É ainda como espaço público construído pela experiência dos próprios feirantes que a feira ganha significado como lugar de trocas, que dota de um sentido de pertencimento uma comunidade específica, os feirantes, que participou ativamente da história de construção de cada feira.

Brasília ainda pode ser pensada como uma fronteira de expansão, acolhendo os migrantes em busca de melhores condições de vida, assim como uma significativa população flutuante, feita de funcionários públicos, políticos, diplomatas e funcionários de organizações internacionais que estabelecem residência temporária na cidade. Em geral, os que se instalam em um novo país ou em uma nova cidade buscam reconstituir os hábitos e práticas trazidos de suas regiões de origem, embora devam ser capazes de absorver novos hábitos, de se adaptarem aos novos espaços e valores. As feiras tornaram-se esses pontos de referência que demarcam identidades e definem a vocação regional, o ponto singular, o que distingue cada feira: o estilo carioca da Feira do Cruzeiro, o sotaque nordestino da Feira do Núcleo Bandeirante, de Taguatinga ou Ceilândia, e a mescla de cultura goiana e mineira, presente nas feiras do Gama, de Sobradinho, de Planaltina.

A feira sempre representou um espaço propício à manutenção

de práticas e de transmissão de conhecimentos e técnicas tradicionais. Ali se concentram saberes sobre ervas, raízes e sementes, e suas propriedades curativas, o que, por si só, constitui um acervo riquíssimo de culturas ancestrais, indígenas e africanas. Constata-se aí o quanto ainda é vivo o uso de plantas medicinais nas práticas populares de cura, evidenciando um conhecimento cuja eficácia e resultados concretos são comprovados, muitas vezes, de forma imediata. Arnica para contusões, plantas amargas para a digestão, carobinha para males da pele e alergias. Embora finito, é imenso o conhecimento compartilhado sobre tratamentos alternativos de doenças que afligem a população. Outro conjunto importante desse repertório de saberes diz respeito ao uso de ervas e temperos, o que permite a manutenção de práticas tradicionais e as experimentações culinárias. Encontra-se nas feiras um capítulo importante da etnobotânica, reveladora da densidade dos conhecimentos e da diversidade das plantas, assim como a transmissão e difusão dessas práticas, patrimônio de todos os brasileiros. Ali se produz uma narrativa que permite aos participantes, feirantes, clientes ou passantes se reconhecer, intercambiar e compartilhar valores.

Lugar de trabalho e de lazer, de festas e celebrações, cotidianas e ocasionais, a feira é também o império do diverso, da possibilidade de transgressão e do

excesso. Nesse sentido, posiciona-se no mesmo patamar que as praças públicas, onde ocorrem manifestações de afetos, prazeres, emoções, trocas desinteressadas. No caso de Brasília, chama a atenção a diversidade étnica, regional e cultural encontrada nas feiras, lugares de trânsito, de cultivo de tradições e de táticas relacionadas ao agir cotidiano. Ali sobrevivem conhecimentos e práticas sociais, tecnologias artesanais que constituem parte importante do repertório da cultura popular brasileira.

Este ensaio foi elaborado por encomenda da Superintendência do Iphan no Distrito Federal, a partir do resultado de pesquisa preliminar realizada, em 2005, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Social. Seguindo a metodologia proposta pelo Inventário Nacional de Referências Culturais, a pesquisa cobriu a totalidade das Feiras Permanentes do Distrito Federal, selecionando algumas sobre as quais foi realizada pesquisa de campo, com visitas e entrevistas com os feirantes, sobretudo os mais antigos, capazes de reconstituir a memória da origem e das transformações ocorridas em cada feira. Foi feito um breve levantamento histórico de cada feira e um inventário de seus bens culturais, identificando os rituais, festas e celebrações, saberes tradicionais, artesanatos variados e especiais.

O material tornou-se precioso por reunir um conjunto significativo de dados sobre dez feiras permanentes, localizadas em diferentes pontos, em sua maioria nas cidades-satélites do Distrito Federal. No âmbito da mesma investigação, foram realizadas entrevistas com feirantes, transeuntes, clientes, administradores e presidentes de associações, que deixaram depoimentos sobre a dinâmica e o funcionamento das feiras. Foram também produzidos materiais diversos, como vídeos, gravações e um acervo fotográfico das feiras pesquisadas. São cenas que demonstram a intensa interação que aí se dá, além de evidenciarem os valores estéticos que se mesclam no cotidiano daqueles feirantes, as formas como organizam suas barracas, como expõem seu material, em composições alegres e singulares, levando em consideração as formas e cores das frutas e dos legumes que expõem. A variação de cores das pimentas, do verde ao amarelo e daí a vermelhos intensos; os arranjos simétricos das tranças de alho; as cortinas feitas de fios de cristais ou outras pedras coloridas e semipreciosas, comuns na região de Brasília, são fatos estéticos.

As feiras funcionam como um aglutinador, um ponto de referência para os visitantes e para todos os habitantes das muitas cidades que formam Brasília. Este material foi a base para o texto, que busca compreender as feiras para

além de um mero espaço de trocas comerciais, mas sim como um Lugar, no sentido antropológico, isto é, um espaço capaz de reunir significados e valores socialmente compartilhados. Não é por acaso que as feiras tornaram-se um dos locais mais procurados e um dos itens mais valorizados pelo turismo contemporâneo. Isso se deu pela originalidade ou pela criatividade dos produtos que exhibe e vende. Mas seu valor mais intrínseco reside no fato de tornar possível a existência de formas artesanais de comunicação: as redes de solidariedade, a transmissão oral, o aprendizado informal, a centralidade da experiência, a proximidade entre as pessoas que freqüentam o mesmo espaço.

Este texto está dividido em três partes. A primeira busca compreender a Feira como uma forma artesanal de comunicação, presente nas mais diferentes sociedades; identificar como ela se mantém e se transforma; sua emergência no contexto e ao redor de uma cidade modernista como Brasília. Tal reconstituição histórica exigiu complementação de pesquisa, a volta aos textos dos viajantes, a busca de textos literários, teses, artigos, documentos oficiais e visita a sítios eletrônicos pertinentes ao tema.

A segunda parte visa selecionar e realçar nas etnografias os aspectos singulares assim como identificar as regularidades que as atravessam, como,

por exemplo, a presença de plantas e raízes medicinais, ou de lugares onde se podem apreciar pratos típicos, preparados de forma artesanal, com produtos e receitas tradicionais.

A terceira parte – intitulada “A voz do feirante” – exhibe as conquistas e os novos desafios que os feirantes enfrentam no desempenho de seu trabalho. As feiras parecem evidenciar a capacidade de organização e de resistência das populações envolvidas na atividade. Suas falas demonstram o envolvimento e a capacidade de gestão política de um espaço público construído por meio de ações e lutas comuns. Elas são também reveladoras da precariedade e dos conflitos que se instalam em tais situações de proximidade social.

Nas “Considerações finais” pretendeu-se apresentar características principais que resultam do estudo das feiras e sua grande importância para a humanização e construção de referências culturais na cidade-capital do Brasil.

Este trabalho tornou-se possível graças à base de dados previamente preparada pelos pesquisadores do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Social, contratados pela Superintendência Regional do Iphan no Distrito Federal. Agradecemos o empenho da equipe técnica da instituição, representada pelo arquiteto Alfredo Gastal, Superintendente, e pelo antropólogo George Bessoni. Ele

foi mais que um intermediário entre nós e a instituição. Foi um interlocutor qualificado, um colaborador e um entusiasta do projeto.

Agradecemos ao arquiteto Fernando Madeira pela leitura atenta e pelas sugestões que muito contribuíram para o aperfeiçoamento do texto.

1

As cidades e as feiras: uma abordagem sócio-histórica

A prática social de intercambiar bens é tão generalizada que uma abordagem histórica que a tomasse apenas em sua trajetória no mundo ocidental não seria suficiente para abarcar a amplitude e a importância desta dimensão deveras universal da vida social: a Troca. Juntamente com a Linguagem, que garante as trocas simbólicas e o intercâmbio de mensagens, e com as regras de parentesco, as trocas materiais são altamente codificadas, ritualizadas e específicas a cada sociedade, a cada momento histórico. Os grupos humanos necessitam manejar códigos culturais comuns – possibilidades e proibições – que mantenham a comunicação e garantam sua dinâmica e reprodução social. São essas regras que fazem com que as culturas sejam diferentes. A troca de bens materiais sempre foi regida por códigos rígidos e é um domínio pautado por regras bem definidas.

Atestadas ao longo de toda a história do Ocidente, mas também no mundo antigo, nas diversas culturas orientais

e nas sociedades tradicionais, as feiras emergem de forma diferenciada – em termos de organização dos espaços, dos bens expostos e dos próprios produtos à venda – e assim expressam o momento histórico e a cultura nos quais se inserem. Das primeiras referências aos mercados públicos da Idade Média às feiras permanentes de nossos dias, assiste-se a uma metamorfose da feira sem que se possa dizer que se tenha alterado sua função, ou mesmo os principais sentidos que lhe são atribuídos, como espaço público, possibilitando interações sociais diretas, e como espaço de troca comercial, de compartilhamento de valores culinários, estéticos e de consumo.

Desde a consolidação definitiva do capitalismo como modo de produção dominante, e do dinheiro como símbolo universal da troca – em meados do século XVIII, com a revolução industrial e a produção em série –, todos os bens passam a ser tratados como quantificáveis e, por conseguinte, perdem muitas das qualidades intrínsecas que os distinguiam, passando a ser diferenciados somente pelo seu valor de troca, isto é, como mercadoria. O dinheiro, nesse contexto, passa a ser o próprio símbolo de um mediador universal e da possibilidade de quantificação de todos os bens sob um denominador comum (Marx, 1973; Simmel, 1998).

Diante do exposto, as feiras, muitas vezes também chamadas de Livres, permaneciam como lugares alternativos de troca, mantendo práticas e oferecendo produtos especiais, ramos do trabalho artesanal e, principalmente, por se caracterizarem como uma forma social aglomerante, em que várias relações e associações se tornam possíveis. Superpondo e mesclando relações de proximidade e de distância, o informal e o impessoal, as feiras suscitam relações sociais flexíveis na trama espacial, sempre um centro de convergência e de irradiação de práticas que ali se implantam. As formas de sociabilidade são definidas no dia-a-dia dos feirantes; e a demarcação de territórios e fronteiras aponta para o caráter conflitual presente nesse tipo de associação, em que se definem as hierarquias, distinções e aproximações entre as pessoas.

Apesar de pensar a feira como um espaço público que permite experiências aglutinadoras, é preciso também abordá-la considerando os múltiplos conflitos que gera: entre feirantes e o Estado; entre os próprios feirantes; entre feirantes e comerciantes; entre diferentes associações – o que caracteriza a feira também como um campo de disputa e de poder (Bourdieu, 1989).

Há inúmeras referências nos contos tradicionais árabes, indianos e persas a mercados nas beiras das estradas, no centro das cidades, a essa instituição errante e nômade, a esses atores especiais que eram os mercadores, que atuavam como mediadores de bens materiais e de narrativas maravilhosas. Narrativas contadas e recontadas e que passaram a fazer parte de um repertório também universal, como as narrativas de As Mil e uma Noites, com seus ladrões se escondendo no burburinho da multidão, no *souk*, no emaranhado de uma medina³ e seus califas viajando em tapetes voadores em busca do vilão.

Assim também, as etnografias das sociedades africanas sempre constataam a regularidade da organização da Troca, com os dias previamente demarcados, definidos em função de um calendário de festas agrárias e de diversos rituais. No mundo antigo, é conhecida a referência ao mercado romano, ao tempo do Imperador Trajano, quando funcionou, a partir de 113 d.C., no próprio fórum, um prédio de cinco andares em que se dispunham as lojas. Roma devia ter por volta de um milhão de habitantes e se encontrava no auge do seu domínio imperial.

Na Europa, as feiras começam a adquirir grande relevância desde a Alta Idade Média, associadas a cultos

³ Praça onde se situa o mercado ao ar livre (*souk*), em arranjos extremamente intrincados de becos e ruelas, nas cidades do mundo árabe.

agrários, festas de santos padroeiros ou cultos a Nossa Senhora. Possuíam periodicidade variável, ocorrendo muitas vezes no adro ou no entorno das próprias igrejas. Há, por exemplo, referência a uma feira quinzenal, na cidade de Ponte de Lima, em Portugal, sancionada pela rainha Tereza, em 1125. Estas feiras perpetuaram-se pelos séculos seguintes, principalmente as chamadas feiras novas, com duração de quatro dias, vinculadas às festas religiosas. As feiras foram elementos estruturantes da recuperação econômica européia a partir do século XII. Ali se vendiam e se compravam regularmente bens de primeira necessidade, basicamente vegetais e animais. Para promoverem trocas econômicas e aumentarem suas arrecadações sob forma de taxas e impostos, os reis outorgavam "cartas de feira com regalias". Mais tarde, foram instituídas feiras francas, com isenção de impostos, o que incentivava a fixação de populações em suas terras. Em Barcelona, desde o final do século X, instalou-se um mercado fora das muralhas romanas, quando a cidade se reconstruía após a ocupação árabe. Na mesma cidade, a "Feria de la Boquería", próxima a Rambla, atestada desde 1217, permanece até hoje no mesmo local (Pintaldi, 2006). Em Paris, desde 1482, também eram realizadas feiras que se mantiveram, como a dos religiosos da ordem de St. Germain, que vendiam

as frutas e hortaliças de seu jardim, no adro da igreja de St. Sulpice. Esta feira foi se transformando ao longo do tempo até tornar-se o contemporâneo Marché St. Germain, que, a partir de sua última versão, em 1995, incorporou lojas internacionais, como Gap e Zara, em um ambiente de mercado tradicional.

Durante toda a Idade Média, originaram-se e desenvolveram-se numerosas feiras, localizadas nas estradas que ligavam os feudos ou ao longo das estradas por que passavam os cruzados. Elas possuem grande importância histórica por serem a materialização da passagem do feudalismo para o mercantilismo. Esta ruptura foi possibilitada pela produção de excedentes, e as feiras e mercados são os lugares de escoamento do excedente. Estes locais de troca proliferaram por toda a Europa, quando se deu a passagem da economia de subsistência para a da troca mercantil simples e, em seguida, generalizada (Marx, 1973).

É grande a importância das feiras para a gênese de inúmeras cidades européias. Muitas delas tornaram-se famosas por suas feiras. Feiras de luxo, como as de Veneza, Gênova e Pisa – onde eram encontradas sedas, musselinas, tapetes, pedras preciosas, especiarias e outros produtos orientais –, ou feiras populares, espaço para trocar o excedente da produção agrícola. Podia também ser encontrado nas feiras o resultado do

trabalho dos artesãos que, associados em guildas, impulsionavam as atividades comerciais e, conseqüentemente, a criação de burgos, criando as condições para a mudança do feudalismo ao capitalismo, do trabalho servil ao trabalho assalariado.

Muitos centros urbanos tiveram sua origem profundamente imbricada à história das feiras: Marseille e Lyon, assim como as cidades da Liga Hanseática, Lubeck, Bruges, com seus momentos de apogeu, quando por seus portos passavam riquezas – peixes, peles, couros e peliças –, produtos almejados e demandados pelos mercados europeus. Estas foram cidades-sede da atividade e do capital mercantil. Feiras periódicas importantes surgiram na Alemanha, Inglaterra, França, Bélgica e Itália, e estão muitas vezes na origem do comércio regular que se desenvolveu nessas cidades. Na região de Champagne, por exemplo, há relatos de que se vivia um estado de feira bastante intenso, movimentado por viajantes que iam de cidade em cidade, com salvo-conduto para transitar, vender e expor suas mercadorias. Com a consolidação do mercantilismo e o início do imperialismo europeu no século XVI, é de se supor que as feiras se multiplicassem para dar vazão ao sem número de novos produtos

que passaram a ser comercializados nos mercados europeus após as descobertas dos caminhos marítimos para o Oriente e para a América.

Essa tradição européia, muito forte na Península Ibérica, se encontrou com tradições indígenas e se enraizou na América Latina, e é presente até os dias de hoje em países como o México, Peru, Venezuela, Bolívia, cujas populações nativas já traziam a tradição dos rituais periódicos de troca e, no caso dos Aztecas e Toltecas, mercados urbanos tão organizados que surpreenderam os espanhóis quando lá chegaram. A carta que Hernán Cortez escreveu ao Rei atesta a existência de uma rede de mercados extremamente organizada e variada onde era possível encontrar todos os víveres, além de armas, jóias, obsidianas⁴, objetos rituais e de uso cotidiano. Os espanhóis espantaram-se ao encontrar um sistema de trocas bastante complexo e artesãos nativos organizados segundo suas especialidades e competências. Os europeus introduziram novos conhecimentos técnicos sobre a utilização do ferro e da laca⁵, acrescentaram novas possibilidades para a fabricação dos produtos locais. Estes grandes mercados indígenas são, portanto, parte de uma tradição milenar, anterior à chegada dos espanhóis, ainda

⁴ Substância de origem vulcânica, utilizada para riscar e cortar vidros.

⁵ Resina preta ou vermelha, extraída de plantas, muito utilizada no Oriente para a pintura de móveis e objetos. No Brasil, foi utilizada a goma-laca, retirada de féculas de pau-brasil misturadas a cochonilhas.

hoje vigente. Os mercados mexicanos, peruanos, guatemaltecos ganharam cores vivas – vermelhos, azuis escuros – que até hoje caracterizam o artesanato latino-americano, além de concentrarem frutas, sementes, temperos só possíveis de serem encontrados nesses mercados. Sua função, ainda hoje, ultrapassa a simples necessidade de trocas de mercadorias, de abastecimento, representando para as comunidades indígenas e rurais a garantia da manutenção de vínculos sociais, com o reforço dos laços de parentesco e de vizinhança. Nos mercados também se concentram acontecimentos civis e religiosos e são tomadas decisões concernentes à vida comunitária.

Estudos antropológicos têm evidenciado que, para além da compra e venda de produtos, as feiras são lugares no sentido pleno da palavra, isto é, espaços significativos em que ocorrem múltiplos e intensos fluxos de comunicação – de pessoas e de bens – e onde se forjam vínculos sociais.

No Brasil, algumas cidades surgiram de feiras, como Caruaru, em Pernambuco, Campina Grande, na Paraíba, ou Feira de Sant'Anna, na Bahia.

Desde o período colonial, nas Ordenanças que definem as diretrizes para a fundação das cidades, já está mencionada a necessidade de se estipular um dia para a feira, para que se pudesse suprir de gêneros a

população. Assim, as feiras livres cedo se constituíram como as principais responsáveis pelo abastecimento de alimentos das cidades brasileiras. Importante tradição cultural ibérica que se enraizou e disseminou por todo o país. As feiras mais famosas do Nordeste – de gado, de artesanato, de produtos típicos – já foram cantadas em prosa e verso e são carregadas de relevância econômica e de significado simbólico para os grupos sociais que dela participam.

Tão antiga quanto a própria cidade do Rio de Janeiro é a tradição das feiras. Feiras de Peixe, no cais do porto, em frente ao Paço Imperial, onde chegavam os barcos de volta da pesca.

A venda de alimentos nas ruas e praças do Rio de Janeiro era bastante generalizada e informal. Toda a iconografia da época é eloqüente sobre como a cidade era um grande mercado. Vendia-se de tudo: vassouras, esteiras, tonéis de água potável, tecidos, aves e animais vivos ou abatidos. Encontravam-se também em vários pontos as aglomerações de negras quitadeiras que, acoradas ao ar livre, vendiam seus produtos – frutas, bolos, quitutes, cocadas – dispostos em tabuleiros, como pode ser visto nas aquarelas de Debret. Somente no século XVIII, quando era Vice-Rei o marquês de Lavradio, foi regulamentado o que já era prática corrente, o mercado livre nas ruas da cidade. Nesta época, o Rio de Janeiro já

contava com 181 barracas de quitandas, palavra que vem do dialeto *kibundo* e significa *mercado*.

No caso de Salvador, primeira capital do Brasil, encontra-se no alvará de 1549, que incumbe Tomé de Souza da fundação da cidade, uma referência à necessidade de prever-se um espaço e determinar um dia, ou mais, na semana para a troca de gêneros e víveres. Aparentemente, houve alguma demora nesta instalação de uma feira livre pois, três décadas mais tarde, Gabriel Soares de Souza (Souza, 1938), visitando a capital, constata a dificuldade de se conseguir comprar alimentos.

No século XVII, parece ter se desenvolvido ali uma atividade mercantil intensa, permanecendo a cidade de Salvador com um porto extremamente ativo até meados do século XIX. Spix e Martius descrevem a pujança do comércio de Salvador no início do século XIX, que oferecia produtos da terra, como pedras preciosas, e produtos importados: fazendas sortidas, linho alemão, chapéus, artigos de moda franceses e ingleses.

Famosa desde o século XVII é a Feira de San Tiago de Água de Meninos, localizada à beira da enseada que vai para o Bonfim. De todos os pontos do recôncavo, chegavam os saveiros trazendo produtos para serem comercializados: banana, abóbora, farinha, carne-seca, verduras e animais. Movimentada, colorida e barulhenta, aquela feira, durante séculos, abasteceu

as casas de família e os armazéns da capital baiana. Em 1964, após negociações difíceis com o poder público, a feira foi destruída por um incêndio, fato que ficou consagrado em bela canção de Gilberto Gil. Próximo ao local, surgiu a atual Feira de São Joaquim.

Há referências a muitas feiras no século XVIII, em várias localidades e freguesias, como na Mata de São João, na vila de Nazaré, Bahia, em Cruz das Almas, Pernambuco, ou em Laranjeiras, Sergipe.

A Feira de Caruaru condensa muitos sentidos. Ela é uma das mais antigas e talvez a maior de todas no Brasil – mais de um milhão de pessoas circulam ali por ano –, celeiro da cultura popular, tendo no cordel, na xilogravura e na cerâmica imaginária alguns dos pontos mais evidentes de seu interesse para o patrimônio nacional. A feira e a cidade nasceram juntas, sendo impossível dissociar suas histórias – desde o século XVII, no adro de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, em uma sesmaria doada a José Rodrigues de Jesus, fazenda onde surgiu essa feira livre. Por situar-se na rota do gado, a ser comercializado entre o sertão e o litoral, teve grande importância como mediadora de duas tradições que ali se encontravam. Com o tempo, tornou-se um lugar de referência e de divulgação da cultura popular, evidenciando a diversidade de um saber tradicional que aparecia sob forma de literatura,

objetos, artesanatos de barro, couro, madeira, além dos produtos rurais tradicionalmente comercializados em uma feira.

Ainda hoje, se dão práticas sociais "artesanaís" na Feira de Caruaru, como o escambo – em que bens são trocados por bens – ou a transmissão oral de saberes tradicionais, lugar de divulgação do cordel e outras formas poéticas, espaço de guarda de conhecimentos sobre os usos medicinais e culinários das ervas, sementes e raízes. Expressão de toda a civilização do couro que se formou na região do Agreste nordestino, a Feira de Caruaru – com a riqueza de seu artesanato, seus produtos, seus sabores – transformou-se, em 2006, em Patrimônio Imaterial, assim classificado pelo Iphan. Os argumentos utilizados para essa sua classificação como Patrimônio Imaterial se baseiam todos na idéia da relevância da feira como forma social significativa na dinâmica de um importante segmento da cultura brasileira (Iphan, 2006).

A relação entre as feiras e o calendário das festas é bastante clara. Cada cidade possui suas datas, seus patronos, e as comemorações festivas incluem feiras especiais e mais ampliadas que as que ocorriam ao longo do ano, em geral, semanais. Uma função essencial desempenhada pelo calendário é a de regular a relação entre o tempo linear e estável do trabalho e o tempo cíclico das festas (Le Goff, 1990),

mantendo assim o equilíbrio psíquico da coletividade. Bakhtin narra a euforia do ambiente das feiras nas praças públicas das cidades européias, em dias de festas religiosas, por sua vez, também relacionadas a rituais de plantio e de colheita, sobrepondo-se assim os cultos religiosos cristãos a tradições ancestrais dos cultos agrários e pagãos.

As feiras podem ser entendidas como um espaço liminar entre o rural e o urbano, entre o regulamentar e o espontâneo, entre o artesanato e a mercadoria industrial. Elas acompanharam e foram se adaptando às contingências, contradições e à dinâmica do capitalismo. Hoje, adentrando o século XXI, não perderam seu vigor e sua capacidade de aglutinação de grupos, mesmo considerando esta fase tardia do capitalismo globalizado e baseado no consumo, que passou a reger e a organizar o mundo das trocas em espaços especializados como *shopping centers*, supermercados, redes de *delicatessen*, lojas de departamento. Nesse contexto, a permanência da feira é reveladora de uma forma social que insiste em não desaparecer, um espaço no qual, além das trocas mercantis de produtos, permite a circulação de importantes acervos do repertório tradicional do patrimônio imaterial: culinária, conhecimentos sobre ervas medicinais, artesanatos variados. Local também de expressão da cultura popular,

as feiras atraem artistas, cantores, poetas, artesãos, pessoas que se juntam em um espaço, transformando-o logo em um Lugar (Augé, 1994), isto é, um espaço socialmente qualificado, considerado portador de sentidos compartilhados, significativo para um grupo de pessoas. Assim, o Lugar possibilita um reconhecimento das identidades sociais, uma vez que remete a experiências compartilhadas, a uma memória coletiva. A idéia de Lugar inclui perspectivas ao mesmo tempo identitárias, relacionais e históricas. Os mercados, as praças, as feiras, os centros históricos – na densidade dos acontecimentos e experiências que ali se dão – são, portanto, Lugares por serem portadores de propriedades que permitem a construção de uma memória e de referências comuns.

Assim, a tendência, aparentemente consensual, entre os feirantes e administradores públicos de transformar as feiras em "*shopping centers* populares", fixando-as e institucionalizando-as, corre o risco de torná-las um estabelecimento comercial com pouca ou nenhuma diferença dos demais, provocando mudanças no seu significado socioantropológico. O risco é que possa desaparecer justamente o que a distingue, o que a faz singular: o fato de ser um espaço em que se produzem e reproduzem saberes tradicionais, assim como onde ocorrem trocas sociais densas

e se desenvolvem formas "artesaniais" de sociabilidade e de comunicação, reveladoras e constitutivas do patrimônio cultural. Entende-se por formas artesanais de sociabilidade aquelas que viabilizam relações que se caracterizam por uma aproximação mais direta e personalizada, comportando o domínio da afetividade e da reciprocidade não mercantil.

As feiras, comuns em todas as regiões do Brasil, surgiram em Brasília de forma espontânea, suprimindo necessidades concretas dos habitantes, falando sempre sobre a "cidade de carne", isto é, do modo como uma população ocupa os espaços com seus corpos, no caso em pauta, como adaptar seus hábitos e práticas comunitárias a uma cidade racional e planejada (Sennet, 1997).

Feiras, turismo e globalização: contrastes nas cidades contemporâneas

Mesmo com a consistência, complexidade e enorme quantidade de bens disponíveis para o consumo nas cidades contemporâneas, mesmo com a criação de novos hábitos, novas práticas, novas formas de comunicação, o aumento do trânsito entre pessoas, mesmo com tantos novos espaços dedicados ao consumo, as feiras permanecem como um lugar polivalente e singular, local de aglutinação e de comunicação densas, criando um

espaço relativamente autônomo, onde acontecem trocas materiais e afetivas.

Um olhar sobre as feiras contemporâneas revela um espaço que contém o tempo, ou tem algo a dizer sobre sua passagem. As feiras sofrem transformações, adaptam-se à sua época e à região, especializam-se em produtos e acompanham o desenvolvimento do capitalismo global que altera seu modo de ser, ainda que se mantenham algumas das especificidades que as distinguem do supermercado e de todo comércio formal. A feira ainda é, e continuará a ser, esse espaço de trocas múltiplas e não somente de transações comerciais. Mudam as mercadorias, as relações de trabalho, e a feira permanece como um lugar de convergência e de disseminação de valores e práticas sociais, suscitando formas alternativas de associação e de valorização da dimensão coletiva da sociedade.

Do ponto de vista sociológico, as feiras são lugares de sociabilidade onde – apesar de sua ordenação pelo paradigma da troca mercantil e do consumo – é possível constatar a presença de formas associativas diferenciadas e criativas, marcadas pela proximidade entre os feirantes e seus fregueses, entre todos os que freqüentam aquele espaço. Ponto de grande relevância é o fato de permitirem o encontro entre diferentes grupos e classes sociais, nem sempre comum em uma cidade organizada por setores e em que as diferenças sociais são

legíveis na superfície do traçado urbano. Freqüentadores de diversas origens regionais e sociais buscam as feiras atraídos por suas especialidades: peixe fresco, artesanato, produtos importados.

Nas cidades pós-modernas (Huyssen, 1987), em que as tecnologias de controle e de comunicação modelam relações entre as pessoas, produzindo trabalhadores e consumidores eficientes, as feiras parecem ser a circunscrição de um espaço público onde ainda são possíveis experiências ricas e originais, encontros pautados pela possibilidade de emoção e de confraternização coletiva. Para além do ato do consumo, do individualismo e da ênfase no tempo presente da cultura contemporânea, as feiras permitem aos habitantes de uma cidade que encontrem algum lugar de ancoragem e não vivam como transeuntes anônimos em um não-lugar (Augé, 1994). O sentimento de pertencimento a uma localidade torna-se possível no ato de compartilhar uma história e um mesmo gosto estético, culinário, musical, de referências culturais, o que representa um patrimônio valioso para numerosos grupos que nas feiras encontram um lugar para transmissão de tradições. Tradição – entendida em seu sentido etimológico, “dizer através de” – diz respeito a um repertório de saberes e práticas que são transmitidos de geração a geração, e remete a valores ancestrais comuns. Sabe-se que todos esses repertórios

tradicionais passaram por grandes transformações – impulsionadas pelos próprios valores da sociedade moderna – sem, no entanto, perderem seu poder de suscitar experiências relevantes. Tanto é verdade que, nos tempos atuais, pode-se constatar uma valorização de manifestações originadas nas culturas tradicionais por serem portadoras de uma densidade simbólica que remete a uma experiência na qual a coletividade se reconhece. Exemplos de permanência de práticas tradicionais em cidades modernas são a feira grega de Queens e a chinesa do Chinatown, em Nova York.

A feira como espaço de encontro e de manutenção de laços entre os imigrantes afegãos em São Francisco, tal como é narrada no recente romance de Khaled Hosseini, *O apanhador de pipas*, exhibe com clareza a extrema importância de sua função social para a manutenção da identidade dos exilados políticos nos anos 1980, na Califórnia. Ali os personagens encontram seus conterrâneos, compram, vendem e trocam os produtos necessários à manutenção de seus hábitos alimentares; as famílias organizam suas festas e os jovens encontram seus pares.

Assim, também, a Feira de São Cristóvão, que foi e continua sendo um lugar de conagração e de difusão da cultura nordestina, no Rio de Janeiro; ou a Feira da Ceilândia, em Brasília, onde se reúnem fabricantes de produtos típicos, artesãos,

cantadores, construindo um pequeno Nordeste no seio da capital do Brasil.

Sob esse aspecto, a feira permite desvendar uma importante correlação entre espaço urbano e memória coletiva (Halbwachs, 2004). Ela suscita a criação de vínculos e de referências coletivas das quais os primeiros migrantes que chegavam a uma cidade nova ou a uma metrópole estavam todos carentes. A memória coletiva é reveladora de um certo modo de apropriação do tempo e da história. Ela é um arquivo que evidencia os valores, práticas e narrativas das classes populares. Nesse sentido, as histórias que os feirantes têm a contar são significativas do ponto de vista tanto da identidade dos grupos quanto dos territórios que se formam e se constroem a partir de sua atuação (Benjamin, 1995).

Por sua origem espontânea e informal, as feiras foram, numerosas vezes, deslocadas para se adequarem ao planejamento e às políticas do Estado. Ao mesmo tempo – tendo sido constatado seu poder de geração de emprego e de renda – houve interesse por parte dos responsáveis por políticas públicas de estabilizá-las, garantindo-lhes infra-estrutura adequada em um lugar determinado. Isso implicou a fixação da feira e a transformação do feirante em um tipo especial de comerciante, adaptado à lógica do mercado formal e do capitalismo.

As feiras tornaram-se cada vez

mais organizadas, assemelhando-se à estrutura do antigo Mercado Municipal, comum a tantas cidades brasileiras. Elas se desenvolvem horizontalmente e são divididas em pequenos boxes que exibem as mercadorias à venda, em contraste com a arquitetura, na maior parte das vezes, verticalizada dos *shopping centers*, com suas lojas independentes, seus espaços específicos destinados ao lazer e à alimentação. Um aspecto revelador da diferença entre os espaços de consumo pode ser encontrado nesta dimensão da cultura, considerada por alguns antropólogos como estruturante da vida social dos grupos: a culinária. Enquanto nos *shopping centers* predomina a comida *fast food*, industrializada e asséptica, as feiras oferecem pratos regionais preparados de modo artesanal, utilizando temperos típicos, preservando receitas tradicionais e sabores que remetem a memórias ancestrais, constitutivas de um patrimônio coletivo.

Nas feiras são também encontrados alguns itens impossíveis de estarem nas prateleiras dos supermercados, como animais vivos, ervas medicinais, produtos artesanais como o fumo de rolo, banha de carneiro, bucha vegetal e outros.

Além do mais, como já dito, a feira não é puramente um lugar de comércio e pode ser considerada, em alguns casos, como para os artesãos, uma unidade produtiva completa, envolvendo vários membros de uma mesma família. Ali se

pode perceber a totalidade do ciclo da produção, desde o plantio da matéria-prima e seu beneficiamento à fabricação e venda dos produtos, o que retira da mercadoria seu caráter genérico e alienado, aproximando o produtor do bem produzido e mesmo do consumidor.

A reciclagem, outra prática de grande relevância na sociedade contemporânea, encontra nas feiras espaço para seu desenvolvimento. A tradição popular da reutilização de materiais rejeitados, sucatas e descartáveis, como papelão, vidro, plástico e lata, a prática de misturar materiais e técnicas, tudo isso aparece nas feiras sob forma de brinquedos, jogos, utensílios, potes, vasos e objetos de uso pessoal. Apesar de sua adaptação à sociedade de consumo, a feira mantém aberto um circuito alternativo de trocas que vai na contramão dos valores difundidos por essa sociedade. A prática da reciclagem não se limita aos materiais mas se estende aos saberes, às tecnologias patrimoniais, e atesta a capacidade de reinvenção e de transformação das tradições. O reaproveitamento da lata, por exemplo, é rico em suas destinações variadas ao transformar o material em lamparinas, funis, coadores de café, pás para lixo, vasilhas, canecões e objetos de cozinha de casas simples da zona rural.

A feira descobre-se ainda como local para o passeio e para o ócio, uma forma de uso do tempo no espaço público, onde

acontecem encontros fortuitos ou, quando não, o simples caminhar entre mercadorias.

Embora essa multiplicidade de funções seja comum a muitos espaços de troca, nas feiras ela se encontra agregada, tornando-as flexíveis por definição, pelo fato de não haver uma delimitação prévia e rígida. Um mesmo espaço pode ser palco de atividades pragmáticas ligadas à subsistência, mas pode também comportar rituais, comemorações, festas periódicas ou eventuais, sagradas ou profanas.

Formas tradicionais de troca não estão ausentes das feiras contemporâneas. O léxico que inclui termos como "catira", "gambira", "escambo", "fazer rolo" indica a permanência de práticas centenárias de troca de bens ou produtos, enraizadas nas classes populares desde o Brasil Colônia. Esse vocabulário também denuncia a origem regional das práticas e dos grupos sociais que as mantêm vivas e ativas.

Por que vêm sendo tão valorizados os lugares que permitem tais práticas tradicionais e a preservação da cultura popular?

Ao se definir como o espaço em que se transmitem modos de saber e de fazer, a feira mantém formas de tecnologia patrimonial a serviço do cotidiano. Diversos grupos sociais vão lá buscar os itens e utensílios dos quais necessitam no seu dia-a-dia. Panelas,

baldes, vassouras, esteiras, redes não apenas são vendidos, mas muitas vezes são produzidos *in loco* pelos próprios feirantes, o que permite também aos interessados encontrarem os meios de se apropriarem dessas técnicas artesanais e aprenderem como utilizá-las.

O espaço da feira muitas vezes se confunde com o espaço da festa, do imprevisto, da celebração e da troca, espaço plurifuncional, denso de interações.

Desde tempos remotos, a feira tem sido também palco de apresentações de músicos e "curandeiros", palhaços e grupos teatrais nômades que andam de cidade em cidade fazendo apresentações e garantindo assim sua sobrevivência.

Essa tradição se manteve no Brasil, principalmente no Nordeste, onde a feira é espaço para a apresentação de artistas populares, músicos, cantadores, manipuladores de mamulengos, comedores de fogo, mágicos e tantos outros.

Brasília

É surpreendente o número de feiras listadas no Distrito Federal, mais de 40 de acordo com recente pesquisa realizada pelo Arquivo Público do DF⁶. Assim também são expressivos o número de feirantes cadastrados em associações, mais de 19 mil, e a estatística de 6 mil pessoas que vivem do artesanato

⁶Arquivo Público do Distrito Federal, 2004.

no Distrito Federal. Algumas feiras precedem mesmo a inauguração da cidade, como a do Núcleo Bandeirante que, desde 1957, tornou-se o lugar de abastecimento de víveres e de encontro dos primeiros migrantes. Desde então, as feiras implantaram-se definitivamente, tornando-se um lugar de diversão e de convívio, uma presença marcante nos arredores da cidade modernista.

No caso de Brasília e do Distrito Federal, constituídos por habitantes provindos de todas as partes do Brasil, e hoje já contando com sua terceira geração de brasilienses natos, as feiras sempre foram um forte ponto de apoio e de encontro. Atualmente, elas se mantêm como prática a ser estimulada e preservada, que contribui para a inclusão e para as trocas sociais, em todas as suas dimensões.

O fato de os primeiros migrantes que aqui chegaram, em 1957, para a construção da cidade serem provenientes de vários pontos da região nordeste, do sertão e do litoral, assim como dos estados limítrofes, Minas Gerais e Goiás, criou condições específicas para a transmissão e reinvenção de várias tradições populares, como festas juninas, embates de cordelistas, festejos religiosos e populares, tradições das quais aqueles trabalhadores eram os portadores e tratavam de perpetuar. Assim surgiram experiências como o "Bumba-meu-boi do Sr. Teodoro", em Sobradinho, a Casa do Cantador na

Ceilândia, as numerosas feiras que vendem, entre outras coisas, produtos destinados à manutenção da culinária e a práticas rituais e simbólicas.

Os migrantes, portadores de uma cultura tradicional, foram expostos a uma cidade e a uma cultura modernas, que se mostravam individualistas e competitivas; uma cidade para cuja construção eles próprios contribuíram. Este embate de valores, na gênese da organização de uma cidade, não poderia deixar de ter conseqüências no modo como as práticas tradicionais da família extensa e da solidariedade de vizinhança se reconstituíram na periferia da cidade moderna, principalmente em suas cidades-satélites.

Muitas vezes carentes de serviços básicos e equipamentos urbanos modernos, os migrantes lançaram mão de códigos culturais tradicionais baseados na organização de uma rede extensa de parentesco, regida pelo código da reciprocidade e das hierarquias, capaz de circunscrever sob as mesmas regras a rede de vizinhança e a amizade (Machado & Magalhães, 1985).

Em Brasília e no Distrito Federal como um todo, as feiras têm funcionado sempre como um lugar de inserção, um ponto de referência para os migrantes, entrando em uma rede de relações baseadas no parentesco ou na vizinhança, rompendo assim o anonimato e o isolamento assustador da

cidade moderna.

As feiras se configuram como espaços híbridos e múltiplos, permitindo interações e misturas que evocam um imaginário tradicional presente na sociedade urbana. Para estas populações, em geral de origem rural, nordestina, mineira ou goiana, as feiras representam pontos de enraizamento e lugares de reprodução de seus próprios valores.

Como as festas, as feiras são acontecimentos coletivos profundos na vida das populações, ligadas ao sistema produtivo. Organizadas de acordo com o ritmo do ciclo agrícola ou com o calendário religioso, elas concentram unidades de vida e de trabalho, que se reproduzem com a participação coletiva ou familiar (Canclini, 1983).

Elas reproduzem na cidade moderna práticas e traços de um acervo simbólico que revela formas tradicionais de interação social, próprias à cultura popular. As feiras, tanto quanto as festas juninas ou outras festas religiosas ou profanas ainda mantidas em algumas cidades do interior do Brasil – como a Procissão do Fogaréu, em Goiás, ou as Cavalhadas de Pirenópolis –, são constitutivas de um patrimônio popular, de uma memória coletiva que se reproduz de geração em geração.

Constata-se que a reprodução social do grupo é feita através da unidade familiar. É comum encontrarem-se nas feiras barracas contíguas pertencentes a

marido e mulher, outras cuja propriedade e reconhecimento vem de um avô que transmitiu oralmente um saber que certamente vem de muitas gerações, uma tradição, uma ancestralidade. Assim, não foi uma surpresa encontrar a barraca de uma raizeira cujo primeiro dono fora seu avô e que agora, com o avô já falecido, busca entre os mais antigos ampliar e manter o conhecimento sobre as propriedades das plantas, das raízes e das sementes.

Outra significativa forma de socialização é representada pelas paróquias religiosas, antigamente somente católicas, hoje tanto católicas quanto evangélicas. Tais espaços também desempenham papel de extrema relevância de interação social ao permitirem aos indivíduos constituírem um sentido de pertencimento, por se encontrarem em um lugar em que são aceitos, ligados a uma rede comunitária que lhes permite se movimentarem nas cidades grandes.

Aos domingos, ou em algum dia especial, a feira se torna um espaço de festa. Não festa em que há atores e espectadores, mas um tipo de festa-participação, na qual todos atuam e se divertem. Aproximam-se assim o cotidiano e os tempos imemoriais.

O que Canclini diz sobre as festas das populações rurais do México pode servir, até certo ponto, para caracterizar também as festas brasileiras. "Flores,

cerragem, cerâmica, milho, a festa prolonga a vida cotidiana e o trabalho do povoado" (Canclini, p. 119).

E continua: "As festas examinadas sintetizam, simbólica e materialmente, as mudanças dos povos que as fazem. Representam o estado atual dos conflitos entre uma população camponesa tradicional, que há não muito tempo foi uma economia de subsistência, centrada no núcleo doméstico, orientada pela lógica do valor de uso, e a sua progressiva inserção no mercado capitalista. O enfraquecimento das suas estruturas e das suas cerimônias antigas, a substituição, complementação ou refuncionalização através de

agentes "modernos" são dramatizados na hibridez da festa. As mudanças na dança e na decoração, a sua convivência com espetáculos e diversões urbanas, mostram as imposições dos dominadores, ao mesmo tempo em que também são tentativas de reagir sobre elas, de vincular o passado às contradições do presente" (Canclini, p. 128).

São essas redes de relações – de parentesco, de vizinhança, de associações comunitárias, religiosas ou leigas, profissionais – que permitem a reprodução das classes populares com alguma dignidade dentro de um mapa fragmentado, individualista, competitivo, abstrato e burocrático próprio à cidade moderna.

2

A feira na cidade modernista

Tomando como estudo de caso a cidade de Brasília, chama a atenção o fato de uma cidade racionalizada em todas as suas dimensões, desde o traçado urbano até a ocupação funcional dos espaços coletivos, como hospitais, escolas, igrejas, ter propiciado o surgimento de tão numerosas feiras, todas de origem espontânea e, algumas vezes, inusitada, espalhadas por todo o entorno da cidade-capital. As feiras surgem na periferia e pouco a pouco tomam de assalto o Plano Piloto. Consta-se também uma grande difusão de outras práticas tradicionais como as festas juninas, a presença de vendedores e músicos ambulantes muito marcantes na cidade modernista. As feiras acompanharam a implantação e o desenvolvimento de muitas das cidades-satélites e do entorno, conferindo a cada território um estatuto de Lugar, ponto que se torna referência para grupos de pessoas que se identificam com valores, saberes e sabores, práticas culturais que se consolidaram ao longo dessas poucas décadas de existência da cidade e que são responsáveis pela memória dos

grupos, constituindo já uma história e uma tradição.

Assim, as feiras de Planaltina e Brazlândia, entremeadas às histórias destas mesmas cidades, são marcantes na composição das formas de sociabilidade e das identidades, tornando-se referências para seus habitantes.

As feiras passaram a criar no Distrito Federal uma trama de significados e valores compartilhados e uma rede de relações sociais impossível de ser desfeita sob pena de provocar um desequilíbrio para um conjunto significativo das populações daquelas localidades. Surgidas para suprir necessidades básicas imediatas dos habitantes precursores de Brasília, as primeiras feiras aqui identificadas permitiam circunscrever as territorialidades regionais e suas práticas específicas. As feiras foram então reinventadas com um forte sotaque nordestino. Assim, na Feira do Núcleo Bandeirante ou na da Ceilândia, encontram-se farinhas variadas, carne seca e feijão de corda, além de folhetos de cordel e seus cantadores, vendedores e conhecedores de ervas medicinais, temperos e receitas, um conjunto que representa um significativo patrimônio cultural dos grupos. À Feira do Cruzeiro acorrem não apenas os que procuram bons produtos para sua feijoada, mas também os que têm a nostalgia

do samba carioca, que buscam um botequim para tamborilar um Cartola na caixa de fósforos. Peixe fresco é no Guará, todas as quintas e sábados; flores do cerrado, na Feira da Torre, ou na porta da Catedral de Brasília, e assim os habitantes vão construindo com sua experiência essa cidade vivida, a partir dessas referências que se tornam divulgadas e conhecidas por todos.

Este é apenas um dos traços que revelam a forte presença de uma tradição que se mantém viva, demonstrando sua persistência e capacidade de se transformar, de se adaptar às novas condições de existência. Em uma cidade com suas funções racionalmente planejadas, seus setores previamente definidos, não havia previsão de espaço destinado ao estabelecimento de feiras. Todas as feiras do Distrito Federal surgiram de forma espontânea, a partir do trabalho informal dos camelôs e vendedores ambulantes que buscavam uma forma de se inserir na lógica e na dinâmica do capitalismo. Todas as implantações de feiras permanentes foram antecedidas de um período de ocupação ilegal, de organização entre os feirantes, da criação de associações, tendo como centro as relações de troca, tornando ainda mais complexo esse fenômeno social denominado feira.

As feiras funcionam como um equipamento cultural necessário para

a criação de um espaço público, local capaz de garantir uma densidade à vida urbana a partir de uma multiplicidade de interações sociais.

Do ambulante ao feirante e deste ao comerciante ou ao microempresário, desenham-se trajetórias individuais reveladoras da história das transformações das relações de trabalho e de troca, história que também expõe as contradições da implantação da modernidade em contexto periférico. Reveladoras também das trajetórias sociais de um grupo significativo de migrantes que demonstraram sua capacidade de utilizar um repertório de tradições das quais eles eram os portadores e de atualizá-lo em uma configuração urbana e moderna. Esse é um fato fundamental na medida em que permitiu aos feirantes encontrarem um lugar em uma rede social e sentirem-se autônomos, donos de seu próprio negócio.

Da etnografia das feiras podem-se depreender algumas regularidades e aspectos singulares que as tornam únicas, local de trabalho para muitos, espaço de lazer e motivo de visita por parte de habitantes e turistas.



Núcleo Bandeirante: nasce uma cidade e uma feira

O Núcleo Bandeirante, antes chamado Cidade Livre, possui a feira mais antiga de Brasília. Ela surgiu junto com o primeiro aglomerado urbano para onde confluíram populações de diversas partes do Brasil, mas principalmente do interior do Nordeste, para dar início à construção da cidade. Dezoito de dezembro de 1956 é a data do traçado e da implantação do núcleo operário, com apenas três ruas, por decisão de Bernardo Sayão, então diretor técnico da Novacap. Assim denominada Cidade Livre teve seu nome trocado no mesmo ano quando o presidente Juscelino Kubitschek, ao visitá-la e ver seus habitantes em calças de brim riscado, chamou-os os novos bandeirantes,

habitantes do Núcleo Bandeirante, que ficou assim batizada desde então.

Para incentivar a vinda de trabalhadores, o presidente Juscelino oferecia lotes aos interessados e os isentava de encargos fiscais, daí a denominação de Cidade Livre. O acampamento tornou-se rapidamente um centro de comércio, serviços, lazer e boêmia. Os migrantes chegaram atraídos por essas facilidades aparentes e a cidade logo tornou-se um centro comercial importante, local de abastecimento, carregamento e descarregamento de caminhões com mercadorias que seriam depois distribuídas para todos os outros pontos habitados do Distrito Federal. Este ponto ficou conhecido como Mercado

Diamantina, lugar que concentrava toda essa atividade mercantil. A feira, a ele adjacente, virou referência, assumindo posição de destaque na cidade, único lugar, naquele início de vida urbana, onde se podia trocar, comprar, vender, oferecer e contratar serviços, atraindo mesmo os habitantes de outros pontos de Brasília.

Primeira "Cidade-Satélite" de Brasília, reconhecida com esta denominação desde 1961, quando é sancionada a lei que regulamenta o aglomerado urbano, tem até hoje, em sua feira, uma marca de orgulho. Ela surge assim como o resultado e a conquista de grupos sociais e redes familiares interligadas, constituídos pelos feirantes e pessoas envolvidas em uma luta que culminou com o reconhecimento e a

regulamentação da atividade, em 1971.

A feira destaca-se pela forte presença nordestina, materializada nos produtos – queijos de coalho e manteiga, doces, farinha, rapadura, plantas e raízes, peças de artesanato, música e dança – e, principalmente, na culinária. De fato, é este rico acervo culinário nordestino que mais atrai os freqüentadores e turistas que vão em busca dos sabores fortes do sarapatel ou da boa carne de sol. Talvez mais importantes que os produtos em si sejam as relações personalizadas que se estabelecem entre quem vende e quem compra. A troca de informações sobre o produto é de extrema relevância porquanto introduz uma dose de desalienação à mercadoria. A pessoa que vende queijos conhece o produto



e sabe interpretar o gosto do cliente. O fato de ser atendido por alguém que é conhecedor do assunto faz toda a diferença, pois transforma uma relação puramente mercantil em uma relação em que há troca de experiências.

Outro ponto forte da feira é a cultura e o conhecimento trazidos pelos raizeiros. Eles não vendem simplesmente plantas e garrafadas, eles explicam como preparar as decocções e infusões, e como o remédio age no organismo, oferecendo uma alternativa de cura para diversas moléstias, em um contexto urbano em que predomina o medicamento industrializado.

Em cantos improvisados como palcos, revezam-se cantadores e cordelistas, trios clássicos de música do sertão – sanfona, triângulo e zabumba –,

contorcionistas e comedores de fogo. Ser a mais antiga e também a portadora de uma memória da construção da cidade e *locus* da preservação de saberes são características que fazem dessa feira uma das mais importantes do Distrito Federal. Ali é possível encontrar certas plantas medicinais, animais vivos, galinhas, frangos, galos, perus, gansos e coelhos, criados nos quintais, de forma tradicional, artigos de culto e outros produtos de cultivo exclusivo.

Ainda hoje, há feirantes que, oriundos dos tempos do Mercado Diamantina, conhecem toda aquela história e a transmitem a seus filhos e netos, que têm a feira em grande conta pois foi ali que conseguiram ascensão social e o acesso a bens e serviços urbanos.



Feira da Torre, um lugar com nome próprio

A Feira da Torre, que se localiza no coração da cidade-capital, ao pé da Torre de Televisão, nasceu também espontaneamente. Ela é contemporânea do movimento *hippie* dos anos 1960 e 1970 no Brasil, quando, aliados da participação política, os jovens propunham sua própria forma de viver, a contracultura. Esta comunidade valoriza sobretudo o trabalho artesanal e, entre todos os produtos que fabrica, talvez o que permita maior mobilidade seja o artesanato de jóias, ponto alto, até hoje, da já famosa Feira da Torre.

Surgida em meados dos anos 1970, no auge dos movimentos jovens e da repressão militar, a Feira da Torre foi forjada por esses itinerantes que viviam de vender seu próprio trabalho.

Assim, Enrique Scolocco, um dos primeiros feirantes, resume a história:

"No começo sempre foi *hippie* de expor no chão. Todo mundo expunha no chão. A mesinha começou lá nos 80, 81. Aí chegou o pessoal com tripé e cavaletes, depois chegou a barraca, a barraca desmontável, e por fim a barraca fixa."

Esmeralda Reis, outra feirante, diz: "Que barato! Esta é uma feira tradicional. Essa feira começou com três *hippies*. E daí foi crescendo, crescendo, aí os órgãos (...) chegou o PDA⁷, a Dona Vera, a Dona Aurora (assistentes sociais), foram encarregadas de organizar essa feira".

Hoje reúnem-se artesãos de várias procedências, brasileiros e estrangeiros, moradores das adjacências de Brasília, que produzem e vendem seus próprios

⁷Plano de Desenvolvimento do Artesanato, ligado à Secretaria de Serviço Social do GDF.

artesanatos, estabelecendo com o comprador um contato personalizado, se comparado com a impessoalidade do ato da compra em um supermercado ou em um *shopping center*.

O que chama a atenção à primeira vista é a expressão da diversidade das tradições culturais provindas de várias partes do Brasil: artesanato de Minas Gerais, bordados do Ceará, cerâmicas do Centro-Oeste, trabalhos em madeira, couro, metal, tecido, inventados em Brasília. Inúmeros tipos e variedades de brinquedos e objetos de decoração, comidas típicas da Bahia, Maranhão, Pará. O Norte se faz presente na culinária exótica do tacacá e do pato ao tucupí, nas tigelas de açaí; os tradicionais pastéis acompanhados de caldo de cana do centro do Rio também comparecem na Torre, como é hoje conhecida a feira. A Bahia está muito presente com seus sabores especiais, acarajés e abarás, seus jogadores de capoeira que se apresentam todos os domingos, ao pé de uma grande escultura que lembra um berimbau, o que já se tornou uma tradição desta feira.

As flores do cerrado, pode-se dizer, são um símbolo de Brasília. Por retirar sua matéria-prima do cerrado, este

artesanato exige conhecimentos precisos sobre a colheita e o tratamento das flores, fibras e sementes. É necessário saber a época ideal e a forma correta da coleta; o reconhecimento de exemplares de espécies adequados ao tipo de corte para que seja garantida a reprodução e a sustentabilidade de sua própria atividade. Extraída, a matéria-prima passa por um processo de secagem e, muitas vezes, de tintura ou envernizamento, garantindo a durabilidade e servindo à fabricação de novas flores, em arranjos inventivos. Na Feira da Torre, encontra-se também grande quantidade de *souvenirs*, atestando a demanda desses objetos não utilitários que reproduzem em pedra os monumentos principais da cidade. Também de pedra sabão ou de cristal – abundante matéria-prima encontrada em todo o Planalto Central – são feitos objetos lúdicos, incensários, santos, pirâmides que servem aos rituais místicos. De Minas Gerais foi trazida a pedra sabão que, diante da cidade modernista, transformou-se em esculturas predominantemente abstratas, com muitos vazados, formas estilizadas de corpos femininos e atléticos, além das



famosas "lembranças de Brasília", sempre reproduzindo um ícone consagrado, o Congresso Nacional, a Catedral, os arcos do Palácio da Alvorada, de diferentes tamanhos para agradar a tipos distintos de turista.

A proximidade das regiões de mineração trouxe para Brasília a cultura das pedrarias. Associados ao misticismo alternativo que se desenvolveu na cidade, os cristais, ametistas, topázios e berilos são muito procurados. Além de serem consideradas portadoras de qualidades mágicas e de bons fluidos, as pedras semipreciosas se transformam em muitos tipos de jóias e objetos de decoração, como pequenos animais, caixinhas mimosas, muitas sugestões de presentes despreziosos. Há ainda no local, no primeiro andar da Torre, onde antigamente funcionava um restaurante panorâmico, um Museu de Gemas que possui um acervo de 3000 pedras, entre brutas e lapidadas, como diamantes, esmeraldas, rubis, encontradas nas regiões próximas.

Chama a atenção a variedade do artesanato urbano muito particular que se formou em torno da Feira da Torre. A prática popular de reaproveitamento de materiais, a arte de combinar materiais diferentes, como madeira, lata, ferro, couro, encontra na reciclagem uma forma de garantir a subsistência e a possibilidade de expressão da criatividade e da busca intencional de



uma dimensão integrada de utilidade e de beleza. As colchas de retalho, toalhas bordadas, rendas, *richilieus* e labirintos, tapetes, tudo isso envolve conhecimento prévio, o manejo de agulhas e de outras ferramentas, aprendizado antigo, revelador da memória coletiva, saber compartilhado e transmitido através das gerações e que se mantém vivo por ser capaz de provar sua eficácia e utilidade na vida cotidiana.

O trabalho em madeira feito pelos marceneiros, entalhadores e escultores igualmente é algo notável no espaço da Torre. O mobiliário é um setor bastante variado e desenvolvido. Trabalhando o mogno, o cedro, mas também madeiras menos nobres como o pinho e aglomerados diversos, os artesãos constroem móveis, portas entalhadas, brinquedos, objetos de utilidade doméstica como cabides, arcas,

depósitos, caixas em fina marcheteria. Notável cultura material ali se forma em torno da palha, do couro, dos tecidos, do papel, chapéus, cintos, sandálias, roupas e pipas, em belos arranjos, sempre excessivos, nas bancas ou no chão.

A variedade dos objetos de palha encanta: cestos, peneiras, abanos, bonecos de diversos tipos e tamanhos, cujo design é expressão convincente da criatividade da cultura popular.

Podem ainda ser encontradas peças da tecelagem tradicional de Goiás e de Minas Gerais, colchas, mantas, assim como roupas e acessórios da moda como cintos e bolsas vindos do Nordeste, de onde também vêm as redes de algodão. Nos dias ensolarados do Planalto Central, essas redes são expostas na própria feira ou em seus arredores, abertas, simetricamente arranjadas, coloridas, contra o céu azul, produzindo um efeito estético particular, de grande beleza.

Há duas barracas que vendem instrumentos musicais como tambores, pandeiros, atabaques, berimbau, flautas e caxixis, o que mostra a permanência e a revitalização de práticas lúdicas da tradição da música popular brasileira.

Outro ponto marcante da experiência

da Feira da Torre é a capacidade dos próprios feirantes de criação e de gestão política do espaço público. Hoje são 16 associações que se encarregam de ordenar e controlar o uso deste espaço de trocas no centro da cidade, garantindo que sejam ocupados por verdadeiros artesãos. No seu início gerida apenas pelos próprios artesãos, a feira foi se constituindo de forma espontânea, seguindo um código de ética bastante simples e respeitado que define as regras de participação. Essa iniciativa da sociedade foi imediatamente percebida como algo relevante pelas instituições públicas que trataram de potencializar e implementar ações visando à institucionalização da atividade e assegurando a inclusão social daquela população. Assim, em 1980, foi implantado o Programa de Desenvolvimento do Artesanato (PDA) sob a responsabilidade da Secretaria de Serviço Social, que passou a administrar o espaço, regulamentou a profissão de artesão e propôs uma política para o desenvolvimento do artesanato no Distrito Federal.

Foram organizados cursos de iniciação e de aperfeiçoamento, linhas



de crédito para a compra de utensílios e ferramentas de trabalho, visitas às casas e oficinas dos artesãos, identificando as carências e as possibilidades de melhorias técnicas que permitissem a inclusão daquelas pessoas no circuito de exposição e venda do artesanato em Brasília. Assim surgiram barracas de comercialização de produtos das cidades-satélites, representadas por meio de associações de artesãos, o que provocou um crescimento significativo do número de feirantes. As barracas passaram a expor e a vender colchas e toalhas de crochê, trabalhos finos de agulha como o crivo, o labirinto, bordados e rendas diversas, além das já notáveis peças de bijuterias, brinquedos, objetos de decoração, produzidos de forma caseira a partir do grupo familiar. Essa ampliação descortinou a notável riqueza escondida no interior das casas, permitindo a profissionalização dos que possuíam aqueles saberes.

Em 1990, o Programa foi transferido para a Secretaria de Trabalho, alocado na Secretaria de Artesanato e Cooperativismo onde, através da

Gerência de Fomento ao Artesanato, tornou-se o órgão responsável por elaborar políticas públicas para desenvolver o artesanato no Distrito Federal. Ali os artesãos são cadastrados e credenciados, o que autoriza a Instituição como detentora de dados precisos e confiáveis. Atualmente existem aproximadamente 200 oficinas e 7.500 artesãos registrados no Programa. Há também, no Distrito Federal, 26 cooperativas de artesãos em funcionamento. Hoje, aproximadamente 30.000 pessoas vivem do artesanato no Distrito Federal.

Esta feira é privilegiada por muitas razões. Por situar-se ao pé de um dos monumentos mais significativos de Brasília – a Torre de Televisão, projeto do arquiteto Lúcio Costa; por estar localizada em parte elevada do Eixo Monumental, o que faz dela um ponto de referência em uma cidade plana, em que esse obelisco fino que aponta para o céu pode ser avistado dos quatro pontos cardeais. Em pouco tempo, a Feira da Torre se tornou um ponto turístico obrigatório para todo visitante de Brasília.



Samba e pagode na Feira do Cruzeiro



A Feira do Cruzeiro surgiu no início da década de 60, em um terminal de ônibus, para suprir a necessidade das populações recém-chegadas em uma cidade que oferecia, em seu começo, pouca infraestrutura e poucos serviços. Também de forma espontânea e improvisada, a feira oferecia ovos, leite, verduras e frutas, expostas em bancas de madeirite. A ocupação do Cruzeiro foi destinada basicamente aos militares vindos do Rio de Janeiro.

Um dos feirantes mais antigos, testemunha de sua origem, resume a história da feira:

"Nos fundos da minha casa, onde eu comecei, tinha um japonês por nome seu Orace, um caminhão velho, onde ele botava as frutas em cima, frutas e verduras, chegava aqui, descia aquelas

grades do caminhão, abria uma lona e ficava debaixo da barraca coberta com lona, foi encostando gente, foi encostando gente, até que formou uma feirinha boa (...). Quando cheguei aqui, esta feira era de lona, tinha seis, sete barraquinhas, e lama (...). No início armava e desarmava todo dia".

A feira cresceu e hoje seus feirantes são originados ora do Rio de Janeiro, ora de algum estado do nordeste. Esta feira se distingue por ser predominantemente dedicada à alimentação. Uma de suas tradições são as barracas de queijos e de doces. Ali encontram-se diferentes qualidades e variedades destes produtos: mozzarella, queijo de Minas, queijo de coalho, queijo manteiga assim como doces de frutas, figo, pêssego, limão, goiaba e mamão. Frequentadores desta

feira buscam produtos frescos e de boa qualidade, como ovos e frangos caipiras, lingüiças de puro porco. Animais vivos como pato, galo, galinha, peru são procurados para fins alimentares, mas também para servir a práticas rituais. Sr. Cardoso, que trabalha nesta feira desde 1975, gaba-se de ser o que possui o maior galinheiro de todas as feiras de Brasília e afirma ser este produto uma especialidade do Cruzeiro.

A marca carioca se faz presente na área dos restaurantes que recebem com grande frequência sambistas e pagodeiros não só do Cruzeiro mas de outros pontos da cidade. É comum que ocorram, nos fins de semana, rodas de samba que, democraticamente, incluem cantores amadores e profissionais. Há também eventos promovidos pelas lanchonetes locais, dentre as quais destaca-se a "Gandaia", conhecida como o "recanto do sambista", uma das mais ativas e animadas. Geralmente, membros da Associação Recreativa Cultural

Unidos do Cruzeiro (ARUC), responsáveis pela Escola de Samba, participam destes eventos, tão representativos do Rio de Janeiro, o que lhes traz muita legitimidade. Esse é um dado singular capaz definir esta feira em seu aspecto propriamente imaterial: a criação de um espaço preenchido por valores compartilhados, um jeito carioca de beber cerveja, comer um salgado e batucar na caixa de fósforo. O bairro passou a ser conhecido como o centro do samba do Distrito Federal pela presença da ARUC, que mantém a principal Escola de Samba de Brasília, fundada em 1961 por cariocas apaixonados pela Portela.

Outra particularidade desta feira é o fato de, desde 1998, ter se institucionalizado em seu estacionamento, criado pela administração regional do bairro, um serviço médico gratuito, destinado à população e que passou a ser conhecido como a Feira da Saúde. Ocorrendo nos fins de semana do mês de maio, este



evento reforça o poder simbólico da feira do Cruzeiro com sua tradição de abrigar práticas coletivas, direcionadas a toda a comunidade.

“É uma moda que pegou. Não podemos mudar. Essa feira de cultura, lazer e saúde, o povo exige que a gente faça uma vez por ano. É por isso que estamos aqui realizando esta grande feira”, diz Francisco Pires, o administrador do evento.

A sensação de ter na feira uma referência, onde a população do bairro se reúne, talvez explique a mágica que faz daquele espaço um lugar habitado por uma alma, um cadinho carioca, um bairro, no sentido atribuído a esta palavra pelos habitantes de uma cidade tradicional, quando sabemos que em Brasília fala-se por siglas e em “regiões administrativas”.

“Sempre você encontra algumas pessoas meio frias. Mas aqui no Cruzeiro, não. Aquele sentimento carioca, entendeu, você encontra (...). Você

tá sentado aqui numa mesa sozinho, escrevendo, tomando uma cervejinha... senta um cara ali, daí a pouco um puxa um assunto, começa uma conversa e você começa a se aproximar da pessoa. O Cruzeiro tem essa proximidade”, diz Marcelo Viana Rocha, dono da lanchonete Gandaia.

A Feira do Cruzeiro conta com apenas uma barraca de plantas medicinais. Ela é gerenciada por Dalva do Nascimento que, ao perceber que começaram a desaparecer os raizeiros e a aumentar a demanda por esses produtos na feira, decidiu tornar-se uma aprendiz do ofício e foi em busca de raizeiros mais velhos que atuavam em outras feiras, como a da Ceilândia e do Guará, para conhecê-los e aprender a utilização correta e as formas tradicionais de colher e tratar as raízes, sementes e plantas medicinais. Sua barraca existe há três anos, mas ela própria vem de uma família de raizeiros, desde pelo menos a geração de seu avô, de quem guarda a memória.





Sobradinho – a feira da cidade serrana

Uma das cidades mais próximas de Brasília, a apenas 12 km do Plano Piloto, com implantação ligeiramente elevada, Sobradinho, como as outras previamente referidas, possui uma feira de origem espontânea.

Surgida logo após a finalização das obras de construção e da inauguração da cidade, que deixou um contingente significativo de mão-de-obra ociosa, a feira ali reuniu os que se dedicavam ao comércio ambulante. A atividade se intensificou pela carência de emprego formal, e os vendedores passaram a proliferar, a organizarem-se em feiras livres que, por sua vez, cresceram e se consolidaram junto com a cidade.

“Essa feira é importante, é um meio de empregar mão-de-obra. Muitos têm

a banca e trabalha ele, a mulher e os filhos. Muitos aqui que trabalhou em banca e que já formou os próprios filhos trabalhando em feira, e estão até hoje na feira”, diz Manuel Antonio da Trindade, feirante há mais de 30 anos.

Localizada de forma estratégica no centro, local ao qual é possível chegar a pé, próxima à rodoviária, a feira foi transformada em Feira Modelo de Sobradinho por um projeto governamental em 1972, com a finalidade de dar vazão ao excedente dos produtores rurais locais. Até hoje, a feira mantém sua especialidade: oferecer hortifrutigranjeiros frescos e de boa qualidade, conseguindo manter-se apesar dos supermercados. As frutas e verduras, as aves vivas, as

tradições culinárias do nordeste, de onde provém a maioria dos habitantes da cidade, tudo isso torna a feira um lugar de experiências interpessoais ricas, transformando-a em um importante espaço de socialização e de manutenção de tradições.

A feira desenvolveu-se em torno de uma mangueira que passou a ser um eixo simbólico, o centro do mundo, organizadora de toda a espacialidade do lugar. Sob uma portentosa árvore, em uma das extremidades da feira, formou-se uma praça. Ali surgiu um lugar único, especial. Da feira irradiou-se um espaço público freqüentado por muitas pessoas, por crianças, jovens e velhos que lá vão brincar, correr, jogar damas, dominós e cartas.

Os atrativos culinários do sertão, como o charque, o mocotó, o queijo de coalho, a presença de artesãos do couro, ou da madeira, um número significativo de barracas dedicadas à venda de plantas medicinais, tudo isso faz da Feira Modelo de Sobradinho um lugar de trânsito diário, onde as pessoas vão "fazer sua feira" mas também vão ali para preencher sua necessidade de socialização, estabelecendo laços mais ou menos cativos entre compradores e feirantes.

Os raizeiros são um destaque desta feira. Assim diz Antônia, habitante da antiga fazenda de Sobradinho e dona de uma das barracas da feira:

"Eu comecei com as ervas por causa do meu pai, ele tinha origem indígena. Hoje eu conheço todo tipo de remédio, ele mexia e me ensinou a mexer com as ervas. Essa herança vem dos meus avós, dos meus tataravós, eles todos eram índios".

Constata-se também a presença de artesãos, sapateiros, funileiros que ali comercializam sua produção. É expressivo o número de barracas dedicadas a essas atividades.

Em muitas casas de Sobradinho se comemoram as festas juninas e sempre há nos jardins, nos quintais ou nos terrenos baldios uma fogueira acesa em homenagem a São João, um dos santos do mês de junho, associado ao fogo pela tradição. Na feira, organiza-se a festa junina principal da cidade, com barraquinhas que vendem quentão e muitos quitutes, principalmente os derivados do milho, como a pamonha, a broa, o curau, a canjica. A música e a dança que a acompanham são os tradicionais forrós, baiões e quadrilhas, hoje muitas vezes competindo com estilos musicais urbanos.

As festas juninas da feira contribuem para preservar a estética da festa que comporta a culinária, a música e a devoção religiosa aos santos celebrados no mês de junho: Santo Antonio, São João, São Pedro e São Paulo.

Este aspecto caracteriza a feira como um espaço particular, capaz de

aglutinar e permitir a permanência das diversas tradições populares, mantidas por esses agentes da diversidade cultural brasileira. Esta feira é um exemplo vivo de um espaço coletivo compartilhado, referência para os habitantes, lugar em que a culinária é um ofício valorizado, passado de geração a geração. Segundo depoimento de muitos feirantes, a praça de alimentação fica lotada nos fins de semana. Ali podem ser degustados pratos típicos nordestinos, como carne de sol e queijo de coalho assado no espeto, e trocam-se receitas e modos de fazer "de antigamente". Tradição e modernidade se encontram nas bancas que vendem CDs de música sertaneja ou urbana, DVDs de filmes, danças e performances.

A Feira de Sobradinho, considerada uma das mais tradicionais do DF, também possui sua "parte nova", um setor dedicado às confecções e utilidades eletroeletrônicas, assim como uma grande oferta de serviços, apontado como a causa do grande afluxo de pessoas. Estima-se que o fato de desenvolver esse setor de mercadorias "modernas" fez

triplicar a frequência à feira.

"O que predominava aqui eram os cereais, o peixe, o açougue, o artesanato e as lanchonetes. Agora esses novos vendem importados, conserto de celular, de computador, miudezas, confecção, muitas variedades", diz o Sr. Antonio.

É notável o entrelaçamento entre o tradicional e o moderno nesses espaços, revelando o aspecto flexível e incorporador representado pela feira. Revela-se aí a capacidade de se apropriar de práticas e tecnologias contemporâneas mesclando-as a saberes tradicionais, ou pelo menos fazendo-os conviver no mesmo espaço.

Em outro ponto da feira, membros da Associação dos Artesãos e Culinaristas de Sobradinho expõem e vendem suas mercadorias, ministram cursos para a população local, como "bordado em pedraria, bordado em geral, pintura em seda, pátina, *biscuit*, vela, sabonete, bonecas em geral, crochê, macramê, entalhe em madeira, pintura em parede, caixas para presente", conforme depoimento de Célia Botelho Ramos de Mello, feirante local.





Taguatinga – ave branca

Criada em 1958, antes da inauguração de Brasília, inicialmente chamada de Vila Sara Kubitschek, depois Santa Cruz de Taguatinga, Taguatinga foi uma cidade que surgiu da necessidade de abrigar as grandes levas de migrantes que chegaram à capital em busca de trabalho. Taguatinga é o nome da antiga fazenda assim como do rio que corta o local. Hoje, é considerada uma cidade autônoma, com forte atividade comercial e industrial, com 500 mil habitantes e a que possui maior densidade populacional do DF.

Desde o início, desenvolveram-se feiras livres na cidade e surgiu um número muito significativo de vendedores ambulantes, pessoas que comercializavam seus produtos nas ruas.

A Feira Permanente de Taguatinga foi criada em 1977, na tentativa de agrupar aqueles comerciantes informais de verduras, alho, lingüiça, aves abatidas e vivas, redes, colchas, cestos e vassouras.

Construída em forma circular, com boxes contíguos, a feira forma em seu centro uma praça – local de socialização e descontração, dotado de parque para crianças, banheiros públicos e um coreto para a apresentação de grupos musicais diversos: forró, capoeira, caipira, sertaneja, evangélica.

Este local agradável consagrou-se imediatamente como um espaço público muito freqüentado. Em bancos baixos, à sombra de grandes árvores, as pessoas reúnem-se em grupos de dois, três ou mais,

para jogos ou em puro prazer de prosa.

A feira sempre foi mais dedicada às verduras, mas hoje tem suas especialidades em queijos e doces, ampliando-se ainda para o setor da moda, com confecções, bijuterias, artesanato, serviços de cabeleireiro. Ali também é possível encontrar costureiras e alfaiates que fazem, na hora, ajustes nas roupas dos clientes.

Destacam-se nesta feira as verduras e frutas, muito procuradas por seu frescor e cultivo cuidadoso, já que provêm de hortas particulares. As bancas de peixes frescos e de aves vivas também se destacam nesta feira. Ali é possível encontrar produtos orgânicos, frescos e variados, algumas especialidades quase impossíveis de encontrar em supermercados, como a vinagreira e a taioba.

As bancas de queijos, doces e biscoitos, algumas com quase 30 anos na feira, possuem uma freguesia cativa, conquistada pela qualidade, e apresentam a variedade dos produtos confeccionados

com esmero, nas tradições do nordeste, de Goiás e Minas Gerais.

Também nesta feira há uma forte presença de raizeiros. Pessoas que não apenas vendem mas possuem conhecimentos sobre o que vendem, suas propriedades, seus métodos de preparo.

"Ali são encontrados o angico, o juá, o barbatimão e a buchinha, óleos como o de copaíba, de eucalipto e andiroba, e as famosas garrafadas como as destinadas à depuração do sangue, expectorantes e muitas outras. Enfim, trata-se de tudo lá, desde gripes e micoses até câncer e insônia" (et. Tagua. P. 11).

Seu Cosmos possui a memória desses saberes, com 45 anos dedicados às ervas. Além de tratar doenças como o vitiligo, a sinusite e a úlcera, cuida também de moléstias da roça: quebranto, sopro no coração, sangue fino e muitas outras. Além das ervas medicinais, também se encontra em sua banca grande variedade de temperos que podem ser adquiridos frescos ou moídos na hora.





Ceilândia – cidade do cantor

Demarcada ao norte de Taguatinga, em 1971, Ceilândia surgiu como fruto de uma política de governo para erradicar as numerosas invasões que ocupavam o entorno do Núcleo Bandeirante, que já não era mais capaz de absorver os migrantes que chegavam de Minas Gerais, Goiás, mas principalmente do Nordeste. Foram eles que fizeram da cidade um ponto de convergência e de difusão da riqueza e variedade da cultura popular nordestina sertaneja. A Casa do Cantador é um exemplo de reconhecimento e consagração do repertório popular nordestino com seus

poetas, repentistas, cordelistas. Projetada por Oscar Niemeyer, a casa organiza apresentações, competições poéticas e festivais de música.

Considerada permanente desde 1972, a mais antiga feira de Ceilândia é outro ponto de referência forte da cultura nordestina no centro. Tendo como obelisco uma esguia caixa d'água, a feira desencadeou, no seu entorno, forte atividade de comércio, com vendedores ambulantes e outras feiras que proliferaram também em outros pontos da cidade. Os ambulantes já fazem parte

do cenário de Ceilândia. Eles tomam conta das calçadas, tornando toda a cidade uma verdadeira feira ao ar livre. Apesar de estar bem organizada, a Feira Central, e permanente, está rodeada de estandes improvisados, com numerosos vendedores e produtos que tornam impossível conhecer os limites entre elas.

Ali são encontrados produtos vindos diretamente de fazendas de Minas, Goiás ou do Nordeste. Destaca-se a riqueza dos laticínios, o que é significativo neste pedaço do Planalto Central em que pequenas e médias fazendas de pecuária ainda existem.

Lugar em que pode-se degustar pratos da culinária nordestina, preparados de forma artesanal, a feira atrai visitantes de todo o DF em busca dessa cozinha autêntica. Este lugar também propiciou a formação e apresentação dos primeiros rappers radicais que se destacaram na cena hip hop dos anos 1990, como o grupo Câmbio Negro, que

agitava as festas com suas mensagens politizadas, sua estética pesada, denunciando a condição dos negros e dos marginalizados.

Também em Ceilândia, a feira não é puro lugar de comércio. Criou-se um espaço público plural, congregando pessoas, múltiplas atividades e diversão, completando, ao lado de outros pontos de referência – como o centro cultural, os três parques, três meninas, Vaquejada e Descoberto e um sítio arqueológico –, o conjunto dos equipamentos culturais da cidade.

As tradições nordestinas, poéticas, musicais, culinárias encontram um palco permanente, preparado para acolhê-las. Ali se realiza o ritual do bumba-meu-boi, concursos de quadrilha, apresentam-se violeiros, sanfoneiros, repentistas, cordelistas, trios clássicos de forró, baião, xaxado, ritmos nos quais o povo se reconhece e se identifica enquanto comunidade. Esses eventos,



que aconteciam espontaneamente no interior da feira, por atraírem público considerável, passaram a ser mais organizados e a ocuparem a praça defronte à feira, onde também se dão manifestações da cultura urbana jovem, como rapistas, dançarinos de rua, grafiteiros, roqueiros das mais diferentes ramificações ou "tribos".

Bancas de tabaco, de pimentas, de farinhas artesanais, ervas e raízes em grande variedade, tanto para uso culinário quanto para uso medicinal, tudo isso aponta para o caráter culturalmente misto dessa feira que integra produtos e pessoas vindos não só de diferentes pontos do Nordeste, mas também de Minas Gerais e de Goiás, de Mato Grosso e do Rio Grande do Sul. As bancas de queijos são um bom lugar de observação: ali se encontra o famoso queijo de Minas, em todos os seus pontos, do mais verde ao mais curado, o requeijão de fazenda, a manteiga em pasta, em garrafa, o queijo de coalho, o parmesão e a mozzarella, itens que identificam procedência, preferência e gosto.

A culinária é um de seus pontos fortes, atraindo turistas e pessoas que querem provar uma autêntica buchada de bode, sarapatel, mocotó, baião de dois, dobradinha e carne de sol, pratos prediletos dos freqüentadores. "A comida típica chama muita gente, a verdura também é muito boa, direto do produtor", diz o presidente da associação da feira, Francisco Nogueira.



E continua: "Aqui é um ponto de encontro nordestino. O cabra fala: 'eu vou lá na Feira da Ceilândia ver se acho meu parente, porque alguém já o viu aqui'. Tenho esse serviço de som que tem encontrado várias pessoas, com 10, 20 anos que não se viam. Chegam aqui e anunciam. Já vi muitos encontros deles aí, ficam até chorando...".

O conhecimento de ervas medicinais representa um elo na transmissão de tradições através das várias gerações da família Pereira Gomes. Originária de Xique-Xique, Bahia, onde já trabalhava e se tratava com ervas, a família mantém com zelo e vigor essa tradição que ensina como obter alívio para males menores (e, às vezes, maiores), dando às pessoas mais uma opção de tratamento, mais autonomia e menos dependência de uma sociedade que, além de ser de consumo, é altamente medicalizada e dominada por multinacionais poderosas, principalmente na indústria dos medicamentos.

O setor de confecções também encontrou grande espaço de expansão – o que se deu do final da década de 1980 até os anos 1990, quando então estabilizou-se, não sem antes ocupar grande parte das barracas, então dedicadas à venda de verduras, frutas e legumes. As confecções são itens muito procurados, e ali são oferecidos a preços competitivos. Produtos diferentes para clientela heterogênea são trazidos principalmente de São Paulo, mas também de Goiás e de Minas Gerais, para serem comercializados.

"Escolha, jovem! Calças, camisas, jaquetas!", é um bordão conhecido.

Barracas de fumo de rolo, vindo de lugares famosos por sua fabricação, igualmente marcam presença. Ali se encontra o Arapiraca, de Alagoas;

o Capoeirinha, de Minas Gerais; o Piracamjuba e o Pirenópolis, de Goiás, todos artesanais. Nessas barracas também se vendem o rapé puro, o de mistura, fumos para cachimbo, palhas para cigarrilhos e numerosos acessórios usados pelos fumantes tradicionais.

Enfim, a Feira da Ceilândia apresenta características complexas que a tornam de certa forma exemplar. Exemplar da possibilidade de sobrevivência de tradições, em contexto moderno, deslocado, de forma misturada, integrando objetos, manifestações e valores contemporâneos. Exemplar também da força da cultura encarnada nas pessoas, nos homens, mulheres e crianças que continuam dançando suas danças, cantando seus repentes, contando suas histórias, verdadeiras e fantasiosas.





Planaltina, cidade histórica

Planaltina é uma das mais antigas regiões habitadas do Planalto Central. Desde o final do século XVIII, com o declínio da mineração e início da pecuária, por volta de 1790, à beira de um riacho, iniciou-se a formação do povoado, tendo por base uma economia local e rural, pequeno centro das fazendas de gado. No século XIX, o lugarejo foi elevado a Vila e depois a Distrito de Formosa e, em 1892, recebeu e abrigou por dois anos a Comissão Cruls, encarregada de realizar estudos e pesquisas para demarcar a região em que se edificaria a futura Capital do Brasil.

Em 1910, teve seu nome mudado de Vila de Mestre d'Armas para Vila de Altamir, referência aos belos mirantes

naturais, platôs que expunham a beleza agreste da paisagem. Em 1917, recebeu o nome de Planaltina. Nas comemorações do centenário da independência do Brasil, ela foi o cenário de um rito político, ocorrido em 7 de setembro de 1922, que confirmava a intenção de construir e transferir a Capital para o Planalto. Naquela data, assistiu-se ao lançamento da pedra fundamental, no morro do Centenário, serra da Independência, onde seria construída a cidade. Com o crescimento da idéia de interiorização, Planaltina começou a se desenvolver, até mesmo pelo fato de grande parte do município estar contido no quadrilátero demarcado por Cruls e confirmado por estudo posterior de Becker, de 1947.

Com a inauguração de Brasília, Planaltina passou de município goiano a cidade-satélite. A parte de Planaltina que não se incluía no interior do quadrilátero demarcado passou a ser chamada de Planaltina de Goiás, mas tornou-se popularmente conhecida como Brasilinha. A partir dos anos 1970 e 1980, Planaltina passou a ser uma cidade de recepção de migrantes, o que provocou um crescimento urbano desordenado, não acompanhado de políticas sociais adequadas para absorver aquelas novas levas de pessoas. Sua população é hoje constituída majoritariamente de goianos e de nordestinos. Desemprego, violência, condições precárias de urbanização foram conseqüências diretas desse crescimento abrupto. No embate entre as transformações rápidas e as tradições goianas, muita coisa dessas últimas já

se perdeu. Resta um centro histórico, um pequeno largo, de um lado, uma escadaria e uma capela, do outro, e uma grande casa em que foi instalado o Museu Histórico. Algumas tradições se mantiveram, como a encenação da Paixão e Morte de Cristo no Morro da Capelinha, durante a Semana Santa. Novas expressões surgiram, como os rituais mágico-religiosos do Vale do Amanhecer, situado na mesma região e que congrega pessoas ligadas a uma seita eclética que mistura elementos de diversas crenças, como o espiritismo, a umbanda, o cristianismo e religiões orientais.

Essa mescla de culturas do Nordeste e de Goiás fica explícita nas várias feiras que se desenvolveram na cidade. Feiras de final de semana, no Vale do Amanhecer e na Vila Roriz, feira mensal de artesanato na Praça da Igreja de São Sebastião, Feira Livre do Atacado,



que ocorre uma vez por semana no interior da Feira Permanente. Esta última é também reveladora de sua própria história, da dinâmica em que se embatem o tradicional e o moderno. De um lado, produtos de origem local, trazidos das fazendas próximas; de outro lado, as barracas de confecções, com tecidos sintéticos, microfibras que seguem os padrões do mercado da moda. O convívio de produtos artesanais e industrializados demonstra a capacidade de reinvenção da feira como um espaço em que elementos de diferentes tradições são absorvidos e ganham novas formas de articulação e de sintaxe.

A feira é muito bem organizada, por meio de duas Associações de Feirantes, uma de 1987, e a segunda de 2003, que fazem a gestão do espaço e definem coletivamente as regras de funcionamento. Ela está dividida em

quatro setores: hortifruti, confecções, utilidades/eletrônicos e artesanato. O fato de ser totalmente setorizada faz com que a feira acompanhe o modelo de Brasília. As associações fortes garantem a qualidade de espaço público singular onde se discutem os interesses dos feirantes associados.

O depoimento de um dos primeiros feirantes de Planaltina, o Sr. Chico Ferralheiro, 64 anos, considerado um patrimônio vivo, expõe a história da feira, trazendo um testemunho vivo da transformação do comércio ambulante em Feira Livre, e desta em Permanente.

"Antes eu montava e desmontava todas as barracas, eu começava no sábado e não tinha hora para acabar. Várias vezes eu virei a noite montando as barracas, ficava até segunda desmontando barracas. O feirante não tinha endereço. Aí, com a liberação,



começou a construção das barraquinhas. Então, comecei a fazer esses boxes. Hoje eu faço a manutenção deles. Agora nós trabalhamos de terça a domingo, com sossego, sem amolação”.

A Feira Permanente de Planaltina é motivo de orgulho e ganha adeptos incondicionais:

“Essa feira é a primeira coisa na cidade. É a feira mais falada de todas. Você pode ir no Rio de Janeiro que eles sabem daqui (...). Uma das melhores coisas que tem em Planaltina é isso aqui. É a feira. É um ponto turístico (...). Planaltina tá no centro do Brasil, a feira tá no centro de Planaltina” (Elemar Schreiber).

Cercada por pequenas propriedades rurais que cultivam os produtos típicos e comuns da região – milho, arroz, feijão, mandioca, alho, cebola, frutas e verduras diversas –, a Feira de Planaltina surgiu em 1981, em um terminal rodoviário, também a partir da atividade de vendedores ambulantes. Transformada em Feira Permanente em 1994, ela goza de prestígio por suas hortaliças, é claro, mas também por abrigar um número significativo de artesãos e profissionais, donos de saberes e técnicas tradicionais. Plantas medicinais têm forte presença, contando com um expressivo número de barracas, sempre pertencentes a pessoas que “entendem do que vendem”. Os vários segmentos do artesanato estão representados nas flores do cerrado, na palha, madeira, bambu e couro, bolsas,

sandálias, jóias a partir de sementes e fibras, crochês e tricôs.

A feira é o próprio lugar em que se forma e se reproduz um saber, em geral mantido e transmitido pelo núcleo familiar, de parentesco extenso ou ainda de vizinhança. “Eu colho o material das plantas do cerrado para que se mantenha o sistema e se garanta a colheita seguinte. Eu aprendi a fazer com a minha mãe. Isso é tradição de família. Isso vai passando de mãe para filho... As flores são uma cultura da cidade e a região que mais tem planta da cidade é a nossa. Toda essa planta é apanhada aqui na região, são plantas do cerrado. Nós temos aqui esse privilégio”, diz Lira Antonia, artesã e presidente da Associação da Casa dos Artesãos de Planaltina.

Os arranjos de flores do cerrado são reconhecidos como um tipo de artesanato único do Planalto Central, tendo se tornado um importante ícone da identidade de Brasília. Lidar com essas plantas envolve conhecimentos necessários e específicos para se extrair corretamente a matéria-prima. É preciso saber a época certa e reconhecer as plantas que estão no ponto para serem colhidas para que se possa garantir a colheita seguinte. Colhida, a matéria-prima é levada ao forno para secagem, em seguida tingida de cores variadas e só então passa a ser matéria de invenção e dos arranjos florais.

Artesãos da madeira e do couro também mantêm oficinas permanentes, de onde saem móveis, placas, brinquedos, objetos decorativos e utilitários. "Eu aprendi a mexer com sandálias de couro com meu pai. Isso aqui é raiz velha. Desde quando eu era deste tamaninho eu via meu pai fazendo sandálias e já ia aprendendo. Faço até sandálias de casamento. Em Planaltina, sou o campeão em sandálias de couro", afirma o artesão Antonio Alves Silva.

Assim também atesta dona Iracema Oliveira da Costa, filha de Dona Joana, considerada a precursora do artesanato em palha de buriti no Distrito Federal. "Aí começou a vir um de cada vez da família. Vinha e a gente ensinava a fazer os trabalhos. Hoje toda a família tá aqui trabalhando com a folha do buriti".

O artesanato adquiriu tal importância na cidade, consequência da valorização

e profissionalização dos artesãos promovidas pela feira, que surgiram duas associações: a Casa do Artesão, em 1981, e a Rurart, inaugurada em 2000, onde, além dos artesãos tradicionais, podem expor fabricantes de queijos e doces caseiros. A Casa do Artesão possui oficinas permanentes, equipadas com máquinas apropriadas, onde são oferecidos cursos diários para os membros da comunidade.

Uma estátua monumental de Padre Cícero confirma a presença nordestina no local e a capacidade de disseminação e reterritorialização das tradições populares. Em torno da feira criou-se um espaço coletivo que mescla repertórios culturais, possibilitando trocas sociais diversas, articulando grupos coexistentes no mesmo espaço, trazendo para o presente, por meio de suas tradições, outros tempos, outras histórias.





Gama: cidade pioneira

O local onde hoje está a cidade-satélite do Gama já foi palco de muita história. A presença humana foi ali constatada desde os tempos pré-cabralinos por meio de achados arqueológicos e pinturas rupestres executadas certamente pelas populações indígenas, caçadores e coletores que habitavam a região. Em 1748, surgiu o lugarejo que ganhou o nome do padre Gama, celebrante de uma missa para os bandeirantes, que faziam na região um pouso em suas caminhadas em busca de minas e jazidas de ouro. Desenvolveram-se fazendas ao seu redor – Ipê, Ponte Alta, Alagado da Susana –, que supriam de víveres a região já relativamente povoada no século XIX, tendo por volta de 1000 habitantes. Em 1894, a

comissão chefiada por Luis Cruls realizou as últimas inspeções para a definição da área em que seria construída a capital, e incluiu Gama no quadrilátero do Distrito Federal. As desapropriações das fazendas começaram logo no início do governo JK, em 1955, imediatamente após a posse do presidente, quando começaram os trabalhos de terraplanagem da área, antes mesmo do plano urbanístico da cidade estar pronto. A antiga Fazenda do Gama foi o local escolhido para a construção do Catetinho, primeira residência oficial do presidente da República na futura capital e ponto de apoio ao longo de todo o processo de erguimento da cidade. O Catetinho, um edifício de dois andares todo em madeira, como um barracão de obra,

trazia a assinatura de Oscar Niemeyer. Hoje, transformado em Museu, guarda a memória dos árduos primeiros anos da construção de Brasília.

O Gama logo se revelou um lugar de recepção de migrantes e se consolidou muito cedo como espaço urbano. Com efeito, em 1960, o Gama transformou-se em cidade-satélite, hoje Região Administrativa 2, com direito a plano diretor e projeto de desenvolvimento. Uma das mais populosas e ao mesmo tempo detentora de uma das maiores áreas rurais do Distrito Federal, a cidade do Gama abriga hoje populações vindas de muitas partes do Brasil, mas principalmente das regiões próximas do estado de Goiás. Estes migrantes chegaram, muitas vezes, em carroças, vendendo suas frutas, legumes e produtos caseiros.

Os japoneses estão na origem de muitas feiras espontâneas, e também no Gama, onde – por possuírem tecnologia e *know how* da produção agrícola – ocuparam grande parte das terras destinadas às chácaras, organizadas por unidades familiares.

A Feira do Gama, como as demais, possui uma de suas forças em itens tradicionais, mas hoje se encontra em franco declínio. Iniciada de forma organizada e setorizada, apresenta-se relegada, deteriorada, com associações de feirantes fracas e pouco atuantes. A feira foi perdendo pouco a pouco seu sentido de ponto de referência para a comunidade. Apesar disso, a medicina cabocla, os costumes mineiros e goianos, a culinária nordestina, a venda de itens para cultos religiosos, como animais vivos, ervas e temperos ainda se mantêm.





Guará: cidade dos lobos

O Guará – cidade criada para abrigar número reduzido de funcionários administrativos – passou a receber grandes levas de migrantes, vindos principalmente do Nordeste. Apesar de prevista desde 1966, somente no ano seguinte começou a ser erguida a cidade por meio de um “mutirão” da casa própria, que resultou na construção de 746 casas, depois sorteadas entre os participantes. Oficialmente, o Guará foi inaugurado em 21 de abril de 1969, com aproximadamente 2600 casas e mais 1000 em construção, como setor residencial destinado a abrigar trabalhadores. O Guará II também surgiu no final de 1969, da necessidade de

abrigar funcionários públicos federais, em geral de origem carioca. Apesar de afastar os primeiros habitantes pela precariedade de condições e falta de oferta de serviços, o espaço – antes anódino, sem história – foi se desenvolvendo, se urbanizando, encontrando sua vocação no comércio, tendo na feira um dos pontos de alta relevância econômica e social na vida da cidade. Na década de 1970, foi ocupado por pessoas radicadas de invasões e, de Setor Residencial de Indústria e Abastecimento, tornou-se Guará, assim denominado pela presença de lobos dessa espécie na região.

Considerada uma feira modelo do

Distrito Federal, a Feira do Guar´ se especializou no setor de confec¸ões, hoje respons´vel por 80% do seu movimento. Mantem-se, apesar de tudo, bons restaurantes e barracas com peixes e frutos do mar frescos, legumes e verduras especiais. Tamb´m s˜o encontradas barracas dedicadas a ervas medicinais, temperos e ra´zes, doces e queijos, bancas em que os feirantes d˜o aos clientes um tratamento personalizado e transmitem a eles o que sabem sobre os seus produtos. Essa feira ´ freqüentada por pessoas de todas as partes de Bras´lia, do Plano Piloto e de outras cidades-sat´lites em busca de pre¸os mais acess´veis, qualidade, frescor

e variedade das mercadorias. Buscar itens da moda na Feira do Guar´ revela a for¸a desse com´rcio que, pouco a pouco, foi se expandindo, se especializando e afastando outras barracas, tornando-se o principal atrativo para as pessoas que visitam a feira. Em um fim de semana prolongado, entre quinta e domingo, circulam 30 mil pessoas em m´dia.

Uma das maiores Feiras Permanentes de Bras´lia, com 523 bancas de com´rcio variado, roupas em sua maioria, a Feira do Guar´ conta hoje com uma associa¸˜o forte e atuante e ´ dada como um exemplo bem-sucedido de adapta¸˜o de uma pr´tica tradicional em contexto p´s-moderno.





Feira dos Importados – feira moderna?

A Feira dos Importados exprime os impasses e desafios suscitados pelo mundo contemporâneo. A leitura da etnografia e a visita ao local confirmam a complexidade do fenômeno do consumo, particularmente do consumo de itens tecnológicos, signo de status e poder. Compreender esta feira seria entender um capítulo da "globalização econômica e cultural".

Freqüentada por pessoas de classes sociais e nacionalidades diversas, a feira vende todo tipo de produtos industrializados e todas as marcas importantes de eletrodomésticos e afins – de aparelhos eletrônicos sofisticados a "bugigangas globais", videogames, brinquedos eletrônicos e milhares de acessórios e invenções para alimentar o

mercado de consumidores destes itens.

Esta feira tem uma história conturbada. É difícil saber precisamente como se iniciou. Desde 1990, já havia locais específicos da cidade que funcionavam como pontos de concentração de vendedores ambulantes, de mercadorias muitas vezes pirateadas ou contrabandeadas. Três deles são considerados os principais na formação da Feira dos Importados – o camelódromo da plataforma rodoviária do Plano Piloto; a feira do SCS, conhecida como "Foz do Itaú", por situar-se em frente ao Banco Itaú e vender produtos trazidos do Paraguai, via Foz do Iguaçu; e, finalmente, em um ponto da 503/504 Sul – voltado para a W3. Estes três grupos se uniram

e criaram, em 1992, com cerca de 30 feirantes, após negociação tensa com o governo, a Feira do Paraguai. Os feirantes fundaram uma cooperativa e buscaram respaldo jurídico para negociar com as autoridades sobre a legalização da feira. Em agosto de 1994, com mais ou menos 550 pessoas, ela é transferida para o estacionamento do estádio Mané Garrincha, onde, no ano seguinte, já conta com 1.200 feirantes. Ali permanece até julho de 1997, quando é transferida para o Setor de Indústria e Abastecimento, no terreno do Ceasa, longe das áreas residenciais do Plano Piloto.

Desde 1995, muitos vendedores ambulantes passaram a se integrar ao movimento já organizado. A trajetória de ascensão social e econômica deste grupo é visível e legível em sua própria denominação: de vendedor ambulante e "muambeiro" ou "sacoleiro" a feirante e daí a "pequeno empresário", como eles se auto-intitulam atualmente. Hoje, quatro associações de feirantes disputam a liderança política na gestão do espaço da feira; além disso, essas associações possuem vínculos com segmentos políticos de Brasília, o que torna o nível de conflito mais acirrado e mais complexo.

A Feira dos Importados de Brasília é a maior Feira do DF, com cerca de 2.080 bancas que vendem todo tipo de produtos importados, roupas, jogos e atrai milhares de visitantes diariamente. Ela é considerada um

dos pontos turísticos de Brasília, dado seu estilo de *shopping* popular de produtos importados. Em vez de couves e alfaces, são TVs de tela plana, DVDs, câmeras digitais, computadores e calculadoras, vinhos e perfumes franceses, jaquetas de couro, sapatos, charutos cubanos, brinquedos coreanos, canivetes suíços, micro *systems* japoneses e estatuetas indianas. Ali não se exibem bens culturais nem se escondem conhecimentos tradicionais. Ao contrário, trata-se de um espaço eminentemente urbano, afinado com a cultura de consumo e com o estilo de vida de uma sociedade digital, em que o consumo de tecnologia evidencia inserção social e poder. A feira é um lugar onde consumidores vão buscar não apenas produtos mas também informações sobre o uso, mais conhecimentos tecnológicos sobre as máquinas que estão adquirindo, além de serviços no setor, o que a feira oferece em abundância como a instalação de aparelhos de som em automóveis e consertos de eletrônicos.



Em uma feira como esta – e apesar de tudo o que a faz tão diferente das feiras tradicionais – muitas das características das últimas são mantidas: lugar de transmissão de saber, pela necessidade de manipular aparelhos e acompanhar o desenvolvimento tecnológico; lugar do excesso, pelo número de barracas, marcas e modelos concorrentes, multiplicidade de objetos e *gadgets*. A relação entre o “feirante” e seu “cliente” torna-se mais impessoal e transitória, não cria fidelidades, apesar de serem ainda possíveis a barganha e os arranjos informais. Há também barracas dedicadas à prestação de serviços, consertos, trocas e vendas de peças usadas.

Além dessas Feiras Permanentes, formalmente reconhecidas e de funcionamento diário, outras feiras de

periodicidade variada – como a Feira da Lua, a Feira de Antiguidades, a Feira Místico-Esotérica, a Feira do Livro – marcam o calendário cultural da cidade, confirmando as múltiplas vocações de Brasília, dentre elas a do misticismo: Capital do Terceiro Milênio. Faz ainda parte dessa “cultura alternativa” o cultivo de numerosas espécies de hortaliças e frutas, plantas ornamentais, agricultura orgânica.

Encerra-se aqui a etnografia das feiras permanentes de Brasília, reveladora da riqueza e multiplicidade de sentidos que traz a presença dessa prática tradicional na cidade modernista. Embora passando por muitos processos de transformação, a feira se atualiza no tempo, mantendo contudo os traços que a qualificam como um Lugar onde se concentra e de onde se irradia saber e experiência.



3

A Voz do Feirante

Quem são estes atores e o que têm a dizer sobre seu trabalho?

É amplamente reconhecida a importância das feiras como um lugar de preservação das tradições regionais que formam a identidade cultural de Brasília. De fato, a diversidade é uma das marcas que distinguem e singularizam a cidade-capital que, criada modernista e planejada, passou por transformações provocadas por formas espontâneas de ocupação, populações que traçam novos riscos na paisagem.

Sobre esses espaços funcionais e racionalizados foram se criando e reinventando, espontaneamente, lugares densos de significado, como as feiras, onde são possíveis práticas sociais que constroem uma história comum para aquela comunidade. São práticas que agregam significados ao espaço público. Criam-se redes de solidariedade e de conflito, elaborando-se assim uma nova narrativa sobre a cidade. Essas memórias, embora encarnadas em indivíduos, pertencem a todo o grupo, pois criam referências comuns onde todos se reconhecem. As feiras, como os mercados

e as praças, são, por definição, centros de entrecruzamento de múltiplas funções, para onde convergem, portanto, formas de representação coletivas, comuns a muitos grupos sociais. A importância dessas memórias reside no fato de serem portadoras da experiência de diferentes grupos sociais, permitindo ouvir não apenas as narrativas oficiais sobre a cidade, mas outras vozes, as vozes dos que construíram aqueles lugares. A experiência comum cria solidariedades, definindo grupos, delimitando territórios. As narrativas recolhidas expressam o vínculo criado por compartilhar uma história comum, assim como o poder agregador e irradiador da própria feira. Elas expressam igualmente os múltiplos conflitos vivenciados pelos grupos, conflitos com o poder público, relacionados à ocupação do espaço urbano, conflitos internos, entre os próprios feirantes e suas associações que representam os diversos interesses em jogo. Tais embates acabam por trazer também consequências salutares, uma vez que esse próprio jogo permite a neutralização dos anseios por um poder unívoco e central, pois confrontando os diferentes interesses e poderes torna-se possível relativizá-los e perceber a feira como um espaço dialógico, horizontal e democrático.

As falas dos feirantes são também eloquentes sobre as precariedades e dificuldades do dia-a-dia, suas

experiências vividas. Os conflitos se instalam em muitos níveis. Na Feira dos Importados, por exemplo, três associações disputam o poder de representação dos feirantes, o que tem como consequência a fragmentação da força política do grupo. Outro ponto de atrito comum às feiras é a grande presença de "muambeiros" ou "sacoleiros" que se instalam nas suas imediações. O conflito em questão dá-se entre o trabalho informal dos camelôs e o microempresário em que se tornou o feirante permanente.

As dificuldades surgem de uma ambigüidade em relação ao estatuto jurídico da propriedade dos boxes, uma vez que os feirantes não são donos do espaço, são apenas concessionários das administrações regionais, o que os impede de realizar benfeitorias e melhorias em suas bancadas. Reclamam que também o poder público não realiza a manutenção dos espaços, o que lhes dá uma aparência degradada que desagrade e afasta os clientes. Isso fica patente nas feiras de Taguatinga e do Cruzeiro, em que os feirantes reclamam que as fachadas estão mal cuidadas, os banheiros, mal conservados e há desordem nos corredores.

Os feirantes de Sobradinho igualmente reivindicam maior apoio do poder público, pois falta até hoje uma cobertura adequada, extensiva a toda a feira, considerada feira modelo, uma

das mais antigas do Distrito Federal, referência para várias gerações dos habitantes da cidade.

Mesmo a Feira do Guará – exemplo impecável de gestão do espaço público – não deixa de apresentar zonas de conflito, dentre as quais a necessidade de competir com os espaços de consumo como *shopping centers* e hipermercados. O fato de terem uma associação forte de feirantes, trabalhando em consonância com a administração regional da cidade, conseguiu instituir uma regulamentação interna que garante o controle do barulho, a limpeza dos espaços, serviços bancários, hábitos de convivência em espaços aprazíveis que comportam a visita de 30 mil pessoas por semana.

Constata-se assim a importância dessas associações da sociedade civil para a gestão política dos interesses coletivos dos feirantes e para a prosperidade da feira. Exemplo de uma feira que se ressentiu do fato de não possuir uma associação forte e atuante é a Feira do Gama. Embora seja uma das mais antigas do Distrito Federal, apresenta traços de abandono e decadência. Os feirantes reclamam da ausência do poder público e da concorrência com inúmeras feiras temporárias espalhadas por toda a cidade. Com o crescimento e a urbanização do Gama, a feira perde terreno para outras alternativas de consumo, pondo a ênfase no setor de

confeções e produtos industrializados, desviando-se da função e do modo de ser tradicional da feira, *locus* da diversidade e, ao mesmo tempo, da preservação de conhecimentos tradicionais que arrisquem de se perder. Tal é o caso dos saberes sobre ervas, raízes e sementes detidos pelos feirantes do Gama ou do Núcleo Bandeirante. Nesta cidade, três mulheres que herdaram uma banca de raízes e os saberes transmitidos por sua família não têm como dar continuidade a esta tradição, dado o desinteresse das novas gerações pela manutenção desses saberes e práticas, e devido também ao predomínio, à preferência e ao maior prestígio dos produtos industrializados e eletroeletrônicos, em detrimento dos produtos artesanais e das frutas, verduras e outros alimentos produzidos

de acordo com tecnologias tradicionais não prejudiciais nem ao meio ambiente nem à saúde.

Os depoimentos sobre a Feira da Ceilândia são unânimes ao enfatizarem o significado central desta feira como uma referência fundamental para os habitantes. Ela representa com muito vigor a cultura nordestina. Não é por acaso que foi a cidade escolhida para sediar a Casa do Cantador, ícone da nordestinidade. Ali mantêm-se vivas tradições poéticas, musicais, medicinais e culinárias.

Esta feira tem ainda a peculiaridade de gerar outras feiras. Os ambulantes que circulam ao seu redor são, em geral, transferidos para outros espaços, o que os transforma de "invasores" em comerciantes regulares da cidade.



A história da feira repete o sistema de ocupação de Ceilândia e de outras terras do Distrito Federal.

A Feira de Planaltina também apresenta duas associações fortes, responsáveis pela construção de um espaço cultural importante, a Casa do Artesão. Localizada sobre uma antiga prisão abandonada, ela hoje abriga, ensina, difunde e comercializa o artesanato produzido na região, tendo-se tornado uma referência para Brasília. São flores do cerrado, objetos feitos de couro, cestarias e outros objetos de palha do babaçu, do buriti. Pela necessidade de manter a sustentabilidade do bioma cerrado, esses artesãos desenvolveram conhecimentos que merecem ser preservados e transmitidos às gerações

futuras. Daí ter-se formado um núcleo importante de artesãos na cidade e de terem surgido na feira alguns espaços destinados à exibição e venda dos produtos artesanais. Tais espaços são considerados ainda precários, sobretudo os destinados ao ensino e à transmissão daqueles ofícios. Em suma, constata-se que não há uma política pública que garanta a permanência desse saber-fazer tradicional e que torne possível a valorização e divulgação adequada destas práticas sociais e da cultura material que se fixaram em Brasília, trazidas de diversas regiões do país.

Também os feirantes da Torre reclamam da falta de políticas voltadas para a valorização do artesanato que ali se expõe e se vende. Apesar de ser uma



referência para quem mora e para quem visita a cidade, a feira não está incluída nos programas oficiais e nos mapas dos circuitos turísticos da cidade.

A Torre de TV tornou-se um espaço denso de significado, incorporando em si a história da cidade e do país, seus momentos sublimes e seus momentos sinistros. A feira que ali se instalou também tem sua própria história. No coração da cidade, ela passou por mudanças mantendo, contudo, seu caráter de espaço público, de fácil acesso, onde ocorrem shows musicais e performances variadas de capoeiristas, grupos de dança, além de encenações de óperas e orquestras, tudo de forma gratuita. Este é um lugar em que a cultura erudita e a popular perdem suas fronteiras, envolvidas no mesmo espaço em que manifestações estéticas, políticas e religiosas convergem para formar um espaço coletivo, lugar de reconhecimento para os habitantes da cidade.

Exemplo contundente de prática cultural de caráter coletivo, possível no espaço urbano contemporâneo, a feira é também o *locus*, por excelência, de sociabilidade, permitindo a coexistência de diferentes manifestações culturais, culinárias, musicais, artesanais e mesmo religiosas. Tudo isso configura este espaço como altamente democrático, onde se abre o acesso igualitário a todas as pessoas.

A Feira da Torre de Televisão sugere uma possibilidade de entrelaçamento



e sintonia entre diferentes políticas públicas: as políticas de preservação urbana e dos equipamentos coletivos e as políticas culturais de revitalização, em uma cidade classificada pela Unesco de Patrimônio da Humanidade. O uso da cultura nas políticas urbanas pode ser um forte impulso na preservação de tecnologias tradicionais, de espaços coletivos marcados pela multiplicidade e pela heterogeneidade. Frequentada por pessoas de todas as classes, raças e credos, de todas as idades e convicções, aquela feira tornou-se merecedora de atenção especial por estar instalada nos pilotis de um dos mais belos monumentos modernistas da cidade, projetado por Lúcio Costa.

Em todas as falas dos feirantes constata-se a preocupação com o desaparecimento de certos saberes e tecnologias tradicionais, como os relacionados ao preparo e uso de plantas medicinais ou à fabricação de objetos

utilitários e decorativos feitos de palha, de cerâmica ou de madeira, além das já referidas flores do cerrado que – após complexo processo de coleta, secagem e acabamento – se tornaram o mais expressivo produto do artesanato brasileiro.

Outra constante reivindicação observada em praticamente todas as feiras pesquisadas é a falta de infraestrutura adequada ao funcionamento, como falta de segurança, de higiene e de manutenção dos equipamentos de uso coletivo (banheiros, instalações elétricas e hidráulicas). Ainda assim – e sofrendo a concorrência de tantas formas novas de espaços de consumo, como os “sacolões”, as delicatessen, os hortifrutis, os supermercados, as feiras livres – continuam atraindo uma boa clientela,

permitindo a manutenção e mesmo a expansão dessa prática tradicional na cidade modernista. As feiras tornadas permanentes, isto é, legalizadas, representam, para o Estado, uma fonte a mais de arrecadação tributária e de geração de empregos para a população em geral, canal de ascensão social e de reconhecimento identitário, de formação de redes de relações e de inclusão social.

A feira assume assim vários papéis que a fazem extrapolar sua função primeira e pragmática, a troca de mercadorias. Ela é também espaço de troca e de transmissão de saberes, espaços de lazer e de sociabilidade, principalmente nas cidades-satélites, em que os equipamentos e ofertas culturais ainda são escassos.





Conclusão

A vida urbana atual – centrada no anonimato, na impessoalidade e no individualismo – comporta inúmeros tipos verticais de relação social, formas compulsórias de marcar as hierarquias nos espaços de poder e de consumo: espaços políticos, empresariais, *shopping centers*. Ao contrário, as feiras tornam possíveis outras estruturas sociais, interações mais horizontais, mais democráticas, permitindo uma maior proximidade entre pessoas de níveis sociais e de renda diferentes.

Chama a atenção, na leitura das etnografias, a grande frequência às feiras

e sua relevância para as populações locais, para as quais elas são motivo de orgulho e propulsoras da auto-estima coletiva. A boa qualidade e a variedade dos produtos, o fato de comportar uma dimensão econômica e de lazer, meios de livre negociação, como a “pechincha” em que vendedor e comprador podem discutir livremente os preços, tudo isso faz da feira um lugar especial, um pequeno mundo à parte na malha das cidades contemporâneas.

Em Brasília, particularmente, em que as hierarquias se deixam ler no próprio desenho urbano, a segregação

espacial acompanhando a segregação socioeconômica, as feiras assumem ainda um papel mais importante, representando um recurso para as levas de migrantes que encontram ali não somente produtos e referências de sua região, mas também a possibilidade de inserir-se em uma rede de relações familiares e de amizade.

"Apesar da ideologia individualista estar presente nas classes populares, sua versão é diferenciada, porque elas recriam um modo de vida organizado segundo uma micrototalidade social composta por uma rede de relações sociais extensas, onde o agente empírico se vê mais como uma pessoa que ocupa um lugar nesta totalidade, do que como um indivíduo autônomo isolado" (Machado & Magalhães, 1985, p. 210).

A feira – com tudo o que ela comporta e todas as dimensões que ela condensa – exemplifica um modelo possível de coletivismo dentro de uma sociedade globalizada e de consumo que tem no individualismo e na competição seus valores dominantes.

Lugar para onde convergem saberes e práticas tradicionais, onde ficam guardados e a partir do qual esses saberes e práticas se transmitem. As ervas, sementes e raízes, seu uso medicinal, ritual, culinário; o saber-fazer artesanal; as receitas regionais tradicionais constituem repertórios preciosos de conhecimento, em torno

dos quais se forma uma verdadeira rede de interesses e de relações só possíveis em espaços como as feiras.

Entrelaçamentos de trajetórias e de tradições, como mostram amplamente as etnografias, reafirmam os sentidos da feira como um espaço de densidade simbólica e de racionalidade econômica, uma vez que comportam a possibilidade de inserção e de reconhecimento de grupos sociais menos privilegiados.

As feiras, ao mesmo tempo em que trazem à tona tradições milenares, estão em sintonia com o presente. A reciclagem é um procedimento característico da cultura contemporânea, reveladora de uma nova consciência ambiental a respeito da vulnerabilidade e dos riscos que corre o planeta. Esse procedimento, que nunca se ausentou das práticas populares, tornou-se um valor maior e marcou a face visível da cultura a partir dos anos 1980. A reutilização de materiais sucateados, sua preparação e produção de objetos para o uso cotidiano – latas que viram canecões, lamparinas, pás de lixo; plástico que se torna tapete, bolsas e cintos; a recuperação de modelos de bonecos, de brinquedos e de outros artefatos lúdicos por artesãos atuais – revelam a capacidade de renovação permanente da tradição, mantendo seu interesse e atualidade por sua flexibilidade para incorporar e operar com os novos dispositivos de produção cultural contemporânea.

Esta produção exibe uma grande diferenciação e maior autonomia, inserindo-se no complexo mercado de bens simbólicos, tanto por aparecer, a seu modo, na sociedade de consumo, quanto por apresentar, como esta última, o excesso como valor. Excesso de mercadorias, de imagens, de representações, de práticas, de hábitos, fazendo valer a multiplicidade e a diversidade como valores culturais em si. Não há significantes desconexos. Tudo parece entrar em uma sintaxe abrangente e flexível, com vocabulário próprio, capaz de transformar aquele espaço em um lugar, com sua dimensão relacional, com sua densidade histórica e assim torná-lo compreensível para toda a população. Ali se tecem e se consolidam laços de solidariedade, de afeto e de cooperação, assim como se formam hierarquias e segmentações internas à comunidade dos feirantes. Tendo sempre uma forte relação com o grupo familiar, em geral responsável pela produção e comercialização dos produtos, a feira reforça essas relações, agregando vizinhos e conterrâneos que vêem nela uma forma de inserção em um grupo com o qual se reconhecem e se identificam. Ali o migrante e o estrangeiro podem se sentir participantes, cidadãos.

As histórias vividas que se contam sobre as feiras permitem revigorar não apenas a memória individual como a memória coletiva



de grupos, de gerações, de comunidades de ofícios. As pessoas se conhecem; as práticas desenvolvidas propiciam o estar junto, a experiência de compartilhar, de andar à toa entre os objetos.

Procuramos ler nas etnografias e nas visitas às feiras as regularidades que as marcavam, assim como o que cada uma delas apresentava de específico e de singular. Foram observados os consensos, os conflitos, suas ramificações, seu traçado interno e tudo isso que faz da feira um espaço público *sui generis*, importante ponto de referência para a cidade, na dinâmica avassaladora destes tempos que correm.

Bibliografia

DISSERTAÇÕES E TESES:

- BARRAL, Gilberto Luiz Lima. **Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília: o caso de bares**. Brasília: UnB, 2006. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- BARROS, Claudia Jeanne da Silva. **Do ilegal ao simbólico: os condomínios irregulares no DF**. Brasília: UnB, 1996. 141 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1996.
- BATISTA, Carmem Silva. **Cultura e magia na Feira do Guará**. Brasília: UnB, 2004. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2004⁹.
- BISERRA, Rosângela de Souza. **Pobre não evapora – de governo a não-governo: a trajetória de uma instituição no Distrito Federal**. Brasília: UnB, 2001. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.
- CALIL JABUR, Pedro de Andrade. **Brasília: o avesso da utopia**. Brasília: UnB, 2003. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- CASTELLO B., Maria Cecília Campos. **Brasília: narrativas urbanas**. Brasília: UnB, 2006. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- CRUZ, Natalia Mori. **Decifra-me ou te devoro! O caos urbano nas cidades contemporâneas – o caso de Brasília**. Brasília: UnB, 2003. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- CRUZ, Tânia Cristina da Silva. **Iniciativas populares de geração de renda: participação popular e empreendimentos solidários em Santa Maria/DF**. Brasília: UnB, 2002. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2002.
- FERNANDES, Rafael Henrique de. **Quê que vigia Doutor: considerações antropológicas sobre os flanelinhas do Setor Comercial Sul**. Brasília: UnB, 2006. Dissertação (Graduação) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- FIGUEIREDO, Breno Einstein. **De feirantes da Feira do Paraguai a microempresários. Processo de formalização e transformações de um segmento econômico**. Brasília: UnB, 2001. Dissertação (Graduação) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

⁹ Esta dissertação não consta, nesta data, no arquivo de dissertações do Departamento de História da UnB, mas encontra-se disponível na Biblioteca Central da Universidade de Brasília. BCE – UnB. Ref: 339.174(817.4) (043) B333c.

- KUYUMIJAN, Narina de Melo. **Olha o rapa!** A Feira da Ceilândia. Brasília: UnB, 2006. Dissertação (Graduação) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- LOPES, Paula de Siqueira. **Ensaio sobre a Feira de Planaltina.** Brasília: UnB, 1999. Dissertação (Graduação) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1999.
- LTWINCZIK, Virgínia. **Bugigangas em busca de endereço?** Análise sobre a ocupação do espaço público em Brasília: o comércio informal e o trabalho ambulante. Brasília: UnB, 2002. Dissertação (Graduação) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2002.
- LYRA, Ana Claudia. **Não está perto, mas está presente:** a mescla dos espaços público e privado. Brasília: UnB, 1993. Dissertação (Graduação) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1993.
- MAGALHÃES, Themis Quezado de. **Brasília: mitos e vivências – análise do discurso brasiliense.** Brasília: UnB, 1985. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1985.
- MALDOTTI, Luciana. **Um olhar além das relações mercadológicas na Feira do Produtor de Vicente Pires.** Brasília: UnB, 2006. Dissertação (Graduação) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- MENEZES JÚNIOR, Antônio. **A dinâmica da configuração urbana do Plano Piloto de Brasília no período 1985–2003.** Brasília: UnB, 2004. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- MORALES, Lúcia Arraias. **A Feira de São Cristóvão: um estudo de identidade regional.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1993.
- PILATTI, Orlando. **Representação urbana: o caso de Brasília.** Brasília: UnB, 1976. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1976.
- RESENDE, Maria Lúcia de Souza. **O outro lado de Brasília: o Estado e o Movimento de Moradores da Ceilândia.** Brasília: UnB, 1985. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1985.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. **O Capital da Esperança – Brasília: um estudo de uma grande obra na construção civil.** Brasília: UnB, 1980. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1980.
- RODRIGUES, Ana Izaura Pina. **Os vendedores e o ritual da venda no shopping center Conjunto Nacional Brasília.** Brasília: UnB, 1998. Dissertação (Mestrado) –

- Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.
- SCAHEFFER, Maria de Fátima Castilhos. **Constituição do espaço urbano e o processo de segregação sócio-espacial no Distrito Federal**. Brasília: UnB, 2002. Tese (Mestrado) – Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2002.
- SILVA, Inaê Elias Magno da. **Brasília, a cidade do silêncio**. Brasília: UnB, 2003. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- SILVA, Luiz Sergio Duarte da. **A construção de Brasília**. Brasília: UnB, 1996. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1996.
- SOUSA, Alexandre Dantas e. **Um olhar anti-utilitarista sobre o cooperativismo agrícola no Distrito Federal**. Brasília: UnB, 2006. Dissertação (Graduação) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- TAVARES, Bretiner Luiz. **Feira do Rolo: na pedagogia da malandragem – memórias e representações sociais no espaço urbano de Ceilândia – DF**. Brasília: UnB, 2005. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- TAVARES, Breitner Luiz. **Juventude brasiliense e cultura hip hop: uma análise da identidade e representações sociais**. Brasília: UnB, 2007. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- ZATZ, Inês Gonzaga. **Catireiros e candangos: a construção da identidade no encontro do passado e do presente em Planaltina-DF**. Brasília: UnB, 1986. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1986.

LIVROS:

- ABREU, Regina Et CHAGAS, Mário (org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ARANTES, Antonio Augusto. **Patrimônio imaterial e referências culturais**. Revista Tempo Brasileiro. n. 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. **Feiras livres**. Cadernos de Pesquisa. n. 11. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal, 2004.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I, II e III**. São Paulo: Brasiliense, 1995-1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1989.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.
- CANCLINI, Nestor. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARLOS, Ana Fani A. **(Re)Produção do espaço urbano**. São Paulo: Ed. Universidade de

São Paulo, 1994.

CASE, Paulo. **Cidade desvendada: reflexões e polêmicas sobre o espaço urbano, seus mistérios e fascínios.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo.** São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERRETTI, Sergio. **Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados.** São Luis: Universidade Federal do Maranhão, 2000.

FISCHER, Tânia (org.). **Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais.** 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GERHARDT, Sílvia Maria. **Feiras Livres: sua importância para os grandes núcleos urbanos.** [S.l.]: Escola Superior de Desenho Industrial, 1976.

GUIMARÃES, Olmaria. **Papel das feiras livres no abastecimento da cidade de São Paulo.** São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1982.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

IPHAN. **Dossiê Feira de Caruaru: Inventário Nacional de Referências Culturais.** Brasília: IPHAN/ 5ª SR/Iphan, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 3. ed. Campinas: Ed Unicamp, 1990.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade.** São Paulo: Unicamp, 2004.

LONDRES, Cecília (org.). **Patrimônio imaterial.** Revista Tempo Brasileiro. n° 147. Rio de Janeiro, 2001.

MACHADO, Lia; MAGALHÃES, Themis Quezado de. "Imagem do espaço". in: PAVIANI, Aldo. **Brasília em questão: espaço urbano, ideologia e realidade.** São Paulo: Projeto, 1985.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1984.

MARX, Karl. **El Capital.** vol. 1. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1973.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva.** Lisboa: Edições 70, 1980.

MOTTA, Lia; SILVA, Maria Beatriz Resende. **Inventários de identificação: um panorama da experiência brasileira.** Rio de Janeiro: IPHAN/Ministério da Cultura, 1998.

NUNES, Brasilmar Ferreira. **Brasília: a construção do cotidiano.** Brasília: Paralelo 15, 1997.

ORLANDI, Eni. (org.). **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano.** Campinas: Ed. Pontes, 2001.

PAVIANI, Aldo. **Brasília em questão: espaço urbano, ideologia e realidade.** São Paulo: Projeto, 1985.

REIS, Jose Ribamar Sousa dos. **Feira da Praia Grande.** São Luis, 1982.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio cultural e cidadania.** São Paulo: DPH, 1992.

- SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade: ensaios**. Petrópolis: Editora Vozes.
- SENNET, Richard. **Cidade de carne, cidade de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SILVEIRA, Denise Prudente de Fontes. **Contribuição para o entendimento das mudanças no planejamento territorial do Distrito Federal**. Brasília, 1999.
- SIMMEL, Georg. "O dinheiro na cultura moderna". in: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (org.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Ed. Unb, 1998.
- SOUZA, Angelo José Sátyro de. **De Feira do Paraguai a Feira dos Importados de Brasília: 1990 a 2000**. Um período de luta pela ocupação do espaço e busca pela legalização da atividade de feirante. Brasília, 2006.
- SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Coleção Brasileira. vol. 177. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.
- SPIX, Johann Baptist von. **Viagem pelo Brasil (1817 - 1820)**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.
- TEIXEIRA, João Gabriel et alli (org.). **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização**. Brasília: Ed.UnB, 2004.
- VITAL, Márcia Maraia de Paiva. **Espaço urbano como manifestação cultural de nossa cidade**. São Paulo: Instituto R. Simonsen, 1977.

PERIÓDICOS:

- COMÉRCIO E MERCADOS. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio, 1967. Mensal¹⁰.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS:

- MASCARENHAS, G. **Ordenando o espaço público: a criação das feiras livres na cidade do Rio de Janeiro**. Scripta Nova, 2005. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-62.htm>> Acesso em: 13 abril 2007.
- PINTAUDI, Silvana Maria. **Os mercados públicos: metamorfoses de um espaço na história urbana**: Scripta Nova, 2006. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-81.htm>> Acesso em: 13 abril 2007.
- Pequenos apontamentos sobre mercados e feiras em Portugal dos séc. XII a XIV**. Disponível em: <<http://www.malhatlantica.pt/sitiodahistoria/tema4matriz.htm>> Acesso em: 13 abril 2007.
- Feiras e mercados em Portugal**. 2001. Disponível em: <<http://www.dgcc.pt/164.htm#57>> Acesso em: 13 abril 2007.

¹⁰ Disponível na Biblioteca Central da Universidade de Brasília. BCE - UnB. Ref: 339(05).

